



Pós-Graduação em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor

**Condicionamento do percurso académico
do professor do ensino secundário face à
perceção e ação da indisciplina na sala de aula**

Maria de Lurdes Cardoso Mendes

Porto, 11 de Julho de 2013



Pós-Graduação em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor

**Condicionamento do percurso académico
do professor do ensino secundário face à
perceção e ação da indisciplina na sala de aula**

Projeto de Investigação realizado no âmbito
da Unidade Curricular de Seminário de Projeto-
Problemas Cognitivos e Motores

Discente: Maria de Lurdes Cardoso Mendes

Professora Orientadora: Maria dos Reis Gomes

Porto, 11 de julho de 20

“A educação tem raízes amargas mas os seus frutos são doces”.

Aristóteles

Dedico este projeto ao
meu maior projeto de
vida, ao meu filho,
Henrik.

Agradecimentos

Um agradecimento especial à Professora Maria dos Reis que, com as suas competentes orientações, se mostrou, durante todo o desenvolvimento deste projeto, o exemplo significativo da relação professo-aluno.

Aos professores sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas, à Andreia, à Fátima, à Carla, à Rita, entre outros que não menciono o nome mas que sabem quem são, amigos que estiveram ao meu lado durante esta fase, pelo companheirismo, força e apoio em certos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, irmã e cunhado que me fizeram acreditar que as oportunidades precisam de ser procuradas.

Ao meu filho, Henrik, pela sua compreensão, apoio, ajuda e por esperar por mim para jantar.

A todos os meus colegas que, amavelmente, se disponibilizaram no preenchimento dos inquéritos.

Aos meus amigos que me incentivaram a acreditar em mim e que me apoiaram em todos os momentos.

1. Resumo

O problema da indisciplina nas escolas portuguesas não é um fenómeno recente, mas nos últimos tempos devido à situação económico-social tem vindo a assumir novas dimensões, ocorre com mais frequência e a sua visibilidade mediática tem sido maior.

É nossa intenção clarificar e contextualizar o conceito de (in)disciplina e a sua relação com estilos de liderança, relação pedagógica professor/aluno, estratégias de ensino / aprendizagem e formação de professores.

Este trabalho apresenta como objeto de estudo a indisciplina em contexto de sala de aula, incidindo particularmente sobre as suas manifestações e os seus motivos, na ótica dos professores do ensino secundário. Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo exploratório de natureza quantitativa, realizado em várias escolas públicas e privadas do Grande Porto, Portugal, com recolha de dados através de um inquérito por questionário.

Palavras-chave: indisciplina, tipos de liderança, relação pedagógica, formação de professores

Índice	
Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	
Capítulo I – A Indisciplina	
1. Definição do Conceito de Indisciplina.....	5
2. A Profissão do Docente Face à Indisciplina.....	8
3. A Relação Pedagógica e a Indisciplina.....	10
4. Definição do Conceito de Liderança e Indisciplina.....	11
5. Estilos de Liderança e Indisciplina.....	12
6. Estratégias de Ensino e Indisciplina.....	14
Parte II – Enquadramento Empírico	
Capítulo II – Procedimentos Metodológicos	
1. Identificação e Justificação do Problema.....	17
2. Objetivos Principais.....	18
3. Pergunta de Partida e Formulação de Hipóteses.....	18
4. Inquérito por Questionário.....	19
5. Participação na amostra.....	19
6. Análise dos Dados.....	19
7. Verificação das Hipóteses.....	36
Capítulo III –	
1. Considerações Finais.....	38
2. Proposta de Ação.....	46
3. Conclusão	48
Referências bibliográficas.....	49
Anexos	

Lista de gráficos

Gráfico 1: Sexo dos inquiridos	20
Gráfico 2: Idade dos inquiridos	20
Gráfico 3: Formação académica	21
Gráfico 4: Situação profissional.....	21
Gráfico 5: Tempo de serviço	22
Gráfico 6:Escolha de carreira.....	23
Gráfico 7:Grupo disciplinar	23
Gráfico 8:Indisciplina e relação pedagógica na sala de aula.....	24
Gráfico 9:Prosseguimento das atividades escolares com presença de indisciplina.....	24
Gráfico 10:Importância da relação pedagógica no sucesso do processo ensino/aprendizagem.....	25
Gráfico 11:Estabelecimento de regras de conduta.....	25
Gráfico 12: Responsabilidade do professor no suscitar da indisciplina.....	26
Gráfico 13: Expectativas acerca dos alunos.....	26
Gráfico 14:Fatores internos à escola e ligados ao professor.....	28
Gráfico 15:Construção da disciplina.....	29
Gráfico 16: Procedimentos a adoptar perante casos de indisciplina.....	31
Gráfico 17: Tipo de abordagem utilizado pelo professor na construção disciplina.....	32
Gráfico 18: Importância da formação de professores.....	33
Gráfico 19: Sensação de esgotamento relativamente à docência.....	33
Gráfico 20: - Desejo de exercer outra actividade que não a de professor.....	34
Gráfico 21: Formação em gestão de conflitos.....	35
Gráfico 22:Se sim, atingiu os seus objetivos?.....	35
Gráfico 23: se não, gostaria de fazer?.....	35

Lista de tabelas

Tabela 1: Percentagens em relação aos fatores externos à escola como causa de indisciplina.....	27
Tabela 2: Percentagens em relação fatores internos à escola como causa de indisciplina.....	27

Introdução

Em primeiro lugar gostaríamos de realçar que acreditamos no professor enquanto pessoa dotada de capacidade reflexiva nas suas práticas letivas, papéis e funções sociais e enquanto ator na construção da sua identidade profissional.

Pretendemos, através deste projeto ajudar a refletir sobre a prática letiva e a perspetivar a resolução de algumas situações de indisciplina. Quando o professor acredita em si, acredita também nos seus alunos e na capacidade de todos concretizarem, com sucesso, os objetivos inicialmente propostos.

Educar é formar, a partir de conhecimentos adquiridos, seres críticos, imaginativos, autónomos e implicados socialmente.

A escola é uma instituição social muito complexa. É uma totalidade formada por aqueles que gostam de estar ali e os que não gostam, os que estão atentos e os que estão distraídos, os bons e os maus alunos, os agressivos e os calmos, os alunos com necessidades de educação especial, e muitos mais. No contexto interativo não há uma causa única explicativa de determinado comportamento, mas sim uma multicausalidade, pois as causas e os fatores interagem numa dinâmica intercausal. A indisciplina é um fator multifatorial e multidimensional, a sociedade, a família, a massificação das escolas, as características da personalidade dos intervenientes, a formação inicial dos professores, a relação pedagógica professor/aluno, a gestão da sala de aula, influenciam e alteram o clima de sala de aula interferindo no desempenho quer dos alunos, quer dos professores

Sendo uma turma um todo dinâmico, o papel do professor, deve, rentabilizar a energia existente nela. O professor tem uma função e um papel assentes numa relação de poder. Hannoun (s/d p. 62) refere que “para o aluno, a imagem do professor é sempre dupla: é simultaneamente a de uma pessoa e a de uma personagem”. De facto, os professores representam para a criança os primeiros adultos, fora da família, mais intensamente investidos. É frequente observar que muitas crianças transportam os padrões afetivo-comunicativos de casa, da família.

Muitas das reações agressivas ao professor podem ser entendidas como a repetição de emoções relativas aos pais. Do mesmo modo, os professores podem projetar, nas relações interpessoais, emoções arcaicas. A relação educativa é provocadora de memórias passadas. O professor na sua relação com os alunos revive, consciente ou inconscientemente, a criança e o aluno que foi, e esse passado atua seja para compreender ou seja para rejeitar certos comportamentos. Hoje em dia, a educação escolar não se limita a ensinar a aprender a ler, a escrever e a contar. Atualmente, e ao alcance de todos, queremos que a escola não seja única e simplesmente uma mera transmissão de conhecimentos e saberes mas que enriqueça o aluno a todos os níveis, cultural, cívico e artístico, assim como a sua realização pessoal e a sua formação integral.

Como seria se tivéssemos uma escola onde fôssemos entendidos como pessoas e não apenas como bons ou maus alunos? Onde os alunos fossem respeitados e valorizados pela sua individualidade onde se incluíssem não só as capacidades cognitivas, mas também os aspetos emocionais e sociais? O nosso sistema escolar reflete uma sociedade que é definida em grande medida sobre o desempenho, sucesso e poder. Ter uma “Boa educação” significa prestadores de serviços especialmente eficientes (poder) para garantir um lugar no topo das melhores escolas (sucesso) e da competitividade do país.

Muitos professores vêm frequentemente os seus “alunos difíceis” como principal fonte de stress (Schaarschmidt et al., 2000). Que tipos de motivação poderão ter? Sentir-se-ão motivados para alterar a sua postura na sala de aula? O nosso comportamento alimenta-se de experiências vividas, isto é, se para alguns professores os chamados alunos difíceis, são fonte de stress, esta predisposição negativa vai levar a que esses mesmos alunos, algumas vezes incompreendidos, se tornem ainda mais desordeiros e que boicotem as aulas.

De acordo com o neurobiólogo, médico e psicoterapeuta, Joachim Bauer, os professores possuem uma habilidade fundamental que exige reflexão permanente: Os professores devem ser artistas em relacionamentos (Bauer, Aachen, 2012). A construção e manutenção de uma relação humana caracteriza-se pelo reconhecimento, consciência e confiança, com base em qualquer interação profissional e pessoal construtiva entre aluno e professor. Por outras palavras: sem um bom relacionamento nada funciona. Isto não significa que um

professor seja como um amigo ou deva intervir como um pai substituto. Um professor é um professor. Ele não é apenas um mediador profissional, mas um homem ou mulher de muitas facetas num processo de aprendizagem ao longo da vida que se encontra numa missão de instrução e de educação para todos os grupos de jovens individuais, também estes com muitas facetas. As pessoas que passam muito tempo de convivência, criam relações humanas. Para professores e alunos, a aprendizagem ao longo da vida não ocorre só a nível profissional, o professor pode orientar os seus alunos através de uma relação de aprendizagem, auxiliando-os no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais necessárias ao longo da vida.

A tensão entre a globalização e a diversidade vai ter uma grande influência na escola, especialmente a partir do momento em que esta se torna generalizada e obrigatória. A escola hoje é influenciada por culturas, saberes e valores de diferentes lugares e condições, esta situação leva a uma maior participação entre instituições e cidadãos, expondo mais os professores à comunidade. Ao assumir papéis bem diferentes de há uns anos atrás, e com a massificação do ensino, surgem mais fenómenos de indisciplina.

Este trabalho apresenta como objeto de estudo a indisciplina em contexto de sala de aula, incidindo particularmente sobre as suas manifestações e os seus motivos, na ótica dos professores do ensino secundário. Para tal elaborámos uma investigação partindo de um quadro teórico da análise que nos permitiu especificar várias questões. O trabalho empírico de cariz quantitativo, assente na técnica do inquérito por questionário, foi realizado online, enviado a professores do ensino secundário e profissional da rede pública e escolas privadas do sistema educativo português, da área metropolitana do Grande Porto.

Escolhemos estes anos de escolaridade por enquadrarem professores que perante um público de adolescentes oriundos de vários tipos de ensino, cursos de ensino e formação, ensino regular e de orientação profissional, têm a responsabilidade da reta final, isto é, a preparação destes alunos para a vida ativa na sociedade atual.

A sequência estrutural deste trabalho compreende uma primeira parte teórica (Enquadramento Teórico), onde abordamos alguns conceitos de modo a situar a problemática a abordar através da delimitação da noção de

indisciplina, de liderança, de relação pedagógica e a importância da formação de professores.

A segunda parte constituída pela vertente empírica refere num primeiro momento a metodologia, com as principais opções e definição do objeto de estudo, os resultados dos inquéritos, a análise dos dados e a verificação das hipóteses.

No último capítulo surgem as conclusões finais, onde apresentamos reflexões, a partir da análise dos dados, que a investigação nos sugere. Essa mesma reflexão levou-nos ao ensaio de uma proposta de ação que deve ser considerada no âmbito da formação contínua dos professores. Compete às escolas ou agrupamento de escolas, no uso da autonomia que a legislação lhes confere, responder às necessidades de toda a comunidade educativa.

Acreditamos que o estudo poderá ser de utilidade para todos os intervenientes na ação educativa, professores, alunos, encarregados de educação e responsáveis pelas políticas educativas, ajudando-os a refletir sobre esta problemática e a agir de forma mais eficaz.

Parte I - Enquadramento teórico

CAPÍTULO I – A Indisciplina

1. Definição do conceito de indisciplina

Tal como referimos na introdução, o problema da indisciplina e da incivilidade prejudicam o processo ensino/aprendizagem e as interações na sala de aula e na escola.

A indisciplina na escola é um problema bastante complexo e resulta de diferentes fatores: sociais, culturais, geracionais, políticos e familiares, inerentes à história de vida e personalidade dos próprios professores e alunos em causa; os que derivam do estilo de liderança, da dinâmica da turma e ainda, os que decorrem da relação e interação pedagógica na aula. Nesta linha de pensamento surge a questão:

Em que medida o percurso académico do professor do ensino secundário pode condicionar a sua perceção e ação face à indisciplina do aluno em sala de aula?

Para que se possa tratar a questão da indisciplina na sala de aula, é importante definir o conceito de indisciplina com rigor. É de realçar que este conceito pode assumir um carácter subjetivo e complexo, já que depende da trajetória de vida particular que cada um de nós possui, da maneira e forma diferente de encarar o próprio conceito de indisciplina, as suas causas e consequências.

A indisciplina na sala de aula apresenta-se como um dos problemas mais preocupantes da realidade escolar. Para além da clarificação do conceito de (in)disciplina e conhecer melhor os fatores que, relacionados com o percurso académico do professor, poderão levar a casos de indisciplina na sala de aula. É importante a correlação que existe entre (in)disciplina e a relação pedagógica professor/aluno, estilos de liderança, estratégias de ensino/aprendizagem, formação de professores, poderes de professores e alunos, competência científica dos docentes e expectativas dos professores em relação aos alunos.

Conscientes da mudança do papel da escola, sublinhamos a importância dos comportamentos pedagógicos dos docentes com diferentes percursos académicos na construção de uma dinâmica relacional flexível, ajustada às

especificidades dos alunos e propícia ao desenvolvimento moral, intelectual e social do aluno.

O conceito de (in)displina, segundo a sua origem e étimo da palavra, disciplina provém do verbo latino *discere* que significa aprender. No dicionário da Porto Editora, o termo disciplina assume os seguintes significados: “conjunto de leis ou ordens que regem certas coletividades; instrução e educação dadas por um mestre ao seu discípulo; doutrina; conjunto de conhecimentos especiais que se professam em cada cadeira de um estabelecimento escolar; autoridade, boa ordem e respeito; obediência; castigo; mortificação”.

No século XIX aplicou-se o termo “disciplina” ao regulamento ou regra de conduta. Trata-se, por isso, de um vocábulo polissémico e, de certa forma, ambíguo, muito dependente de contextos e fatores sócio-políticos-culturais.

Aires (2009, p.13) considera a indisciplina na escola como “um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino”. Neste âmbito, Estrela (1994, p.11) argumenta que “se a indisciplina na escola é um fenómeno que decorre da sociedade e do seu sistema de ensino, ela é também um fenómeno essencialmente escolar, tão antigo como a própria escola e tão inevitável como ela”. Segundo a mesma autora (1988, p.17) “... quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar as regras e a ordem delas decorrentes como as sanções ligadas aos desvios e conseqüente sofrimento que elas originam. Por isso, para muitos, o conceito adquiriu um sentido algo “pejorativo”. Segundo Oliveira (1999, p.72) a “disciplina pode ser entendida como processo ou como produto, como aceitação da autoridade que corrige ou castiga, como disciplina imposta do exterior ou como autodisciplina”. Podemos, então, falar do conceito de indisciplina entendendo-o como a negação do primeiro. Veiga (2007 p.15) afirma: “Por indisciplina entende-se a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola”.

Entendemos que é muito difícil chegar a consenso quanto à definição do conceito de indisciplina devido à multiplicidade de fatores que estão subjacentes a este fenómeno, às diferentes perspetivas que os vários intervenientes do processo educativo têm sobre este e às diferentes conceções que as diversas culturas têm sobre disciplina versus indisciplina.

Para o diretor executivo de uma escola (Marques, 1996, p.36), indisciplina “é todo o ato perturbador das normas estabelecidas no território escola, causado por problemas comportamentais que afetam o desenvolvimento e as finalidades do projeto educativo”.

Contudo, os comportamentos desviantes parecem assumir conotações diferentes, conforme as perspectivas de quem os observa e de quem os adota. Daniel Sampaio (1999) afirma que a questão da indisciplina na escola é um mar de equívocos devido à falta de homogeneidade das regras estabelecidas. O mesmo autor refere três tipos de regras: as formais, as não formais e as informais. As primeiras, são impostas pelo Ministério da Educação e, na sua opinião são um “conjunto de normas que flutuam um pouco ao sabor das alterações políticas e que nem sempre estão ajustadas às realidades de cada escola”. As regras não formais, estabelecidas em cada escola, que não passam de interpretações que derivam das regras oficiais e que se ajustam aos problemas específicos da escola em causa. Por fim, as regras informais ou regras sociais, geralmente pouco esclarecedoras e pouco estruturadas, normalmente são comunicadas verbalmente na sala de aula. Estas são moduladas pelo contexto cultural dos seus atores e sofrem influência de muitas variáveis. E porque os comportamentos são interpretados de maneiras diferentes entre os professores, a (in)disciplina por parte dos alunos é também de difícil compreensão e, muitas vezes, divergente.

Podemos nomear várias causas possíveis de indisciplina escolar: a composição heterogénea das turmas, as más relações entre escola/família, os currículos escolares pouco motivadores, o deficiente funcionamento e organização da escola, a deficiente formação didático-pedagógica dos professores, a ausência de perspectivas de inserção na vida ativa após os estudos.

Também segundo Rutter e alguns autores (1979) as características do ambiente escolar contribuem para o incremento do risco de conduta antissocial, isto é, escolas com más condições físicas, com um elevado número de alunos por professor, localizada em ambientes desfavorecidos, desmotivação e pouco apreço pela escola por parte dos alunos entre outras características podem desenvolver crianças antissociais.

Estas são algumas das definições possíveis sobre o conceito de indisciplina, a dificuldade de encontrar uma definição universal levou-nos a escolher uma definição. Assim sendo, definimos a indisciplina como um comportamento provocatório e/ou agressivo, adotado pelo aluno face aos seus pares, às normas estabelecidas na sala e/ou ao estilo de liderança adotado pelo professor.

2. A Profissão do Docente face à Indisciplina

Segundo Teodoro (1990, p.24), a profissão docente, manifesta hoje, ausência de condições estimulantes à plena realização profissional dos seus membros e afirma “a profissão docente apresenta-se como uma atividade sujeita a uma grande instabilidade profissional, sobretudo para os membros mais novos/contratados, e a um desgaste físico e psíquico permanente, resultante de deficientes condições de trabalho”. Os mega agrupamentos, com tendência para os giga agrupamentos escolares originam um contacto impessoal entre o corpo docente, dificultando, por sua vez, o trabalho coletivo e a fácil integração dos novos professores. As mudanças constantes no sistema de ensino trazem desconforto e mal-estar profissional. Este mal-estar profissional pode gerar, por parte dos alunos, situações de não obediência e de perturbação nas aulas. Todos estes condicionamentos podem alterar ou influenciar a sensibilidade e a perceção do professor face aos seus alunos prejudicando o relacionamento professor/aluno.

Segundo Estrela (2002, p.109), a indisciplina produz efeitos negativos quer em relação à socialização e aproveitamento escolar dos alunos, quer em relação aos docentes.

Foram feitos vários estudos em diversos países que provam esta situação. Diversas investigações têm permitido verificar que os níveis de stress são bastante elevados na profissão docente. Numa investigação realizada pelo Instituto de Prevenção do Stress e Saúde Ocupacional (IPSSO) e coordenada pelo psiquiatra Rui Mota Cardoso entre 2000 e 2002, verificou-se que um em cada três professores sente que a sua profissão é stressante e, segundo Esteve (1992) os professores parecem apresentar uma maior frequência de casos psiquiátricos do que outros grupos profissionais.

Estrela (2002, p.109) afirma: “o tempo que o docente gasta na manutenção da disciplina, o desgaste provocado pelo trabalho num clima de desordem, a tensão provocada pela atitude defensiva, a perda do sentido da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal levam a sentimentos de frustração e desânimo e ao desejo de abandono da profissão”. Na mesma linha de pensamento, Blase (1986, cit. por Estrela, 2002, 77p.110) afirma: “a indisciplina, ao quebrar as normas da aula e da escola, interfere altamente no processo pedagógico, pois, para além de afetar a aprendizagem do aluno tira tempo útil ao professor, compromete a sua performance e obriga-o a desempenhar papéis que ele não gostaria de desempenhar. Daí a fadiga e outras perturbações psicossomáticas, daí os sentimentos de impotência, frustração, irritação e desejo de fuga à tarefa que afetam muitos docentes”.

Jesus (2002) acrescenta ainda que a massificação do ensino, o aumento das exigências em relação ao professor, o acelerado desenvolvimento tecnológico, o desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola, a rutura do consenso social sobre a educação, a mudança dos conteúdos curriculares, as alterações ocorridas na estrutura e dinâmica das famílias e os conteúdos transmitidos pelos média, são fatores que contribuem para aumentar os níveis de mal-estar dos docentes.

Podemos falar em vários fatores que originam o mal-estar docente, fatores que incidem diretamente sobre a ação do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho e provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas. Fatores que se referem a condições ambientais, isto é, ao contexto em que se exerce a docência. Observamos, ao longo do nosso trabalho nas escolas, constantes mudanças na área da educação, muitas vezes influenciadas pelas diferentes condições físicas das próprias escolas, onde a falta de equipamentos tanto para os professores como para os alunos desmotiva o trabalho, levando algumas vezes a mudanças dos conteúdos curriculares, provocando insegurança, receio e desconfiança por parte dos docentes; por outro lado o extraordinário aumento das fontes de informação alternativas também pode levar a algum mal-estar de alguns docentes; outro fator é o forte aumento das exigências burocráticas em relação ao professor; a alteração das expectativas

em relação ao sistema educativo; a menor valorização social do professor, paralelamente à desvalorização salarial.

3. Relação pedagógica e a indisciplina

A escola, enquanto instituição, tem o dever de promover a educação e a socialização de todos os que a frequentam. O relacionamento pedagógico que se constitui no contexto sala de aula, conta com os novos papéis desempenhados pelo professor e pelos alunos. O professor tem de saber gerir com a heterogeneidade de culturas com que se depara. Estrela (2002, p.36) define como relação pedagógica “o contacto interpessoal que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contactos”. Uma relação pedagógica terá mais sucesso se houver boas relações sócioafetivas. “Se os alunos gostarem do professor e sentirem que este gosta deles, facilmente aceitarão exigências e responsabilidades” (Antão, 1993, p. 53). É verdade que a eficiência do professor no processo ensino/aprendizagem não são só os seus conhecimentos científicos mas também o seu sucesso no plano da relação pedagógica. O aluno deixa de ser apenas um recetor de informações e passa a estar implicado no processo educativo para que, desta forma, a sua evolução cognitiva, relacional e pessoal se processe de forma mais amena. É importante que o haja bom relacionamento entre o professor e o aluno, se este pressentir indiferença por parte do professor, distancia-se dele. O professor deveria, a partir do “historial” de cada aluno, ser capaz de ajustar os seus passos didáticos, situação que, devido à panorâmica atual das escolas será cada vez mais difícil de concretizar.

Amado (1989) afirma que as relações interpessoais são muito importantes, estas variam ao longo da escolaridade, isto é, os alunos começam por privilegiar as competências interpessoais no professor, para aos poucos, valorizarem mais a competência profissional. É a partir desta relação interpessoal, que se pode criar um clima positivo na sala de aula, este vai favorecer o sucesso em termos académicos, contribuindo para um clima de confiança e de cooperação, promovendo a autoestima e reduzindo as tensões, as angústias e os problemas disciplinares dos jovens. É importante exigir o

envolvimento dos alunos, torná-los cooperantes e responsáveis pelas suas decisões.

Diz-me e eu esquecerei

Ensina-me e eu lembrar-me-ei

Envolve-me e eu aprenderei

(provérbio chinês)

O professor, independentemente do seu percurso académico, deve compreender as necessidades dos discentes, desenvolver o seu interesse por aprender, e garantir que os conhecimentos transmitidos são interessantes e úteis no futuro. Uma má relação pedagógica e/ou falta de motivação dos alunos, poderão conduzir a situações de frustração que poderão originar agressividade e outras formas de boicotar a aula. Por isso, é bastante importante a adequação dos currículos às necessidades dos alunos, da planificação das aulas e de uma variação dos estímulos para que os alunos se sintam “úteis”, desempenhando um papel ativo no ato educativo. Para que tudo isto seja possível é necessário que o professor tenha consciência que o ensino tem de servir como um processo de mútua aprendizagem.

4. Definição do conceito de liderança

Para que esta mútua aprendizagem, professor-aluno, tenha sucesso, ao longo deste trabalho procuramos definir o conceito de indisciplina e detetamos a existência de diferentes tipos e as formas desta se manifestar. Em seguida centrámos o nosso estudo no professor do ensino secundário e na indisciplina tentando determinar eventuais relações entre ambos.

Partindo do pressuposto de que os professores são responsáveis pelo modo como agem, organizam, gerem o tempo e as atividades na aula, bem como na forma como lideram a turma, pretendemos investigar se o estilo de liderança docente poderá influenciar a ocorrência de episódios de indisciplina. Consideramos ainda que é de vital importância que o professor reflita sobre a sua forma de liderar na sala de aula, para aperfeiçoar o seu desempenho como professor e como líder.

Etimologicamente a palavra liderança, na língua portuguesa tem como antecedente a definição de “arte de comando”, onde o comando ou o ato de comandar estão subjacentes a uma arte e a uma ciência, que realça mais as qualidades de quem comanda do que propriamente todo o processo de comando.

Para Teixeira (citado em Carapeto & Fonseca, 2006, p.81) a “liderança é o processo de influenciar os outros de modo a conseguir que estes façam aquilo que o líder quer”. Também House (citado em Bento, 2008, p.33), considera que liderança é a “capacidade de um indivíduo para influenciar, motivar e habilitar outros a contribuírem para a eficácia e sucesso das organizações de que são membros”. Kouzes e Posner, (citados em Gostik & Elton, 2007, p.105) referem que o fundamento da liderança é a credibilidade pois “quando não se acredita no mensageiro, não se acredita na mensagem”. Acrescentam que quando os líderes querem produzir feitos extraordinários nas suas organizações adotam cinco práticas que constituem uma liderança exemplar: “mostrar o caminho; inspirar uma visão conjunta; desafiar o processo; permitir que os outros ajam e encorajar a vontade” (Kouzes & Posner, 2009, Glanz (2003, p.9) salienta que “a liderança é uma responsabilidade partilhada” pois todos os intervenientes na ação educativa são capazes de em determinadas situações assumirem algum tipo de liderança, contribuindo para uma melhoria na organização.

5. Estilos de liderança de ensino e indisciplina

Quando falamos em liderança não podemos deixar de nomear os três tipos de liderança e a caracterização dos seus líderes: o autoritário, o democrático e o liberal.

Em qualquer circunstância de ensino-aprendizagem o professor deve promover a comunicação. Segundo dados (Oliveira, 1999) o professor autoritário e o não intervencionista não promove a comunicação e a negociação de regras podendo originar situações de indisciplina. Se o professor for um líder democrático adota estratégias baseadas no diálogo e na compreensão, planifica as atividades e define as regras com a participação dos

alunos evitando, assim, comportamentos desviantes e o processo ensino/aprendizagem será mais bem sucedido.

Jesus (2003, p.25) afirma que “os professores, por vezes, procuram manter o respeito e a disciplina na sala de aula com uma postura autoritária e de distanciamento em relação aos alunos. No entanto, muitos casos de indisciplina ocorrem em relação a professores que promovem este tipo de relação”.

A escola é uma organização que favorece a liderança autoritária. Ao professor é-lhe imposto um programa e, o mesmo, tem de ser imposto aos seus alunos. Podemos concluir que a prática pedagógica continua a ser de tipo tradicional. Dentro da sala de aula o professor era o soberano, não pedia sugestões, tomava decisões e controlava as situações.

Neste tipo de liderança autoritário, o líder originava apatia e dependência, além de suscitar hostilidades, enquanto num estilo de liderança democrático o líder despertava maior interesse pelos trabalhos e estimulava a cooperação.

Em oposição a este autoritarismo o professor democrático dá a possibilidade da turma participar ativamente nas decisões, pois solicita a sua opinião, o diálogo faz parte do desenrolar da aula, há interação professor-aluno. Esta atitude, sendo conscientemente doseada, influencia o clima do grupo o que leva a uma maior satisfação com o seu desempenho, são mais cooperativos, menos conflituosos e são capazes de continuar com as atividades, mesmo que o líder se ausente. Pelo contrário, o grupo do líder autoritário, apesar de demonstrar índices de produtividade no trabalho, não se sente parte integrante nas atividades. Em relação à liderança liberal, a análise do efeito do estilo de liderança num grupo de crianças em contexto extraescolar, permitiu concluir que as crianças conversavam e brincavam livremente, sem no entanto produzirem muito.

De facto, as investigações foram unânimes em concluir que o estilo de liderança afeta o comportamento, as perceções e os sentimentos dos membros do grupo.

Quando um líder é democrático os membros do grupo tendem a vê-lo mais positivamente e sentem-se mais gratificados. Ficou também demonstrado que

o grau em que um professor é autoritário, submisso, coercivo ou democrático vai influenciar todo o clima da aula e a formação de normas da sala (Sprinthall&Sprinthall, 1993).

6. Estratégias de ensino e indisciplina

O grande objetivo da sociedade do século XXI é formar jovens autónomos e fomentar nestes um espírito de crítico e de curiosidade. Neste contexto compete ao professor incentivar esses aspetos em sala de aula e contribuir para a formação de um indivíduo responsável, independente e cidadão. O desafio do educador do século XXI é estimular o jovem para a aprendizagem com estratégias e metodologias inovadoras. Por outras palavras, a nossa postura enquanto educadores deve ser consciente, pois somos intelectuais transformadores. Além disso, somos formadores de opinião e, assim sendo, temos a obrigação de estimular o pensamento crítico nos nossos educandos e, assumir assim, uma opção política de forma coerente.

As estratégias de ensino e aprendizagem são meios utilizados pelo professor para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos. Consideramos que as estratégias mais adequadas são as que ajudam o professor e o aluno a alcançarem os objetivos que se pretendem alcançar. Então, no que respeita à sala de aula e para prevenir a indisciplina, podemos distinguir estratégias específicas do início do ano e as estratégias prévias à condução das atividades da aula; estratégias para estruturar no início da aula; estratégias de motivação e manutenção do interesse da turma; estratégias para manter um ritmo adequado de aula; estratégias de vigilância e controlo dos comportamentos; estratégias que conduzam a relações interpessoais positivas. De todas estas estratégias destacam-se como de maior importância o controlo dos comportamentos e procedimentos, os primeiros contactos professor/aluno; a motivação e manutenção do interesse da turma, a fim de evitar a saturação e aborrecimento dos alunos e evitar os riscos destes desmotivarem e se tornarem desviantes.

Uma boa relação professor/aluno é muito importante na gestão de sala de aula, os alunos dão uma grande importância à figura do professor e, no

campo disciplinar, o “gostar” ou “não gostar” do professor pode fazer uma grande diferença, pode significar “ganhar ou não os alunos”. Por esta razão é fulcral estabelecer relações interpessoais positivas o que implica disponibilidade para ouvir os alunos, para nos aproximarmos deles, sermos empáticos, inspirar confiança, mas também ter humor, ter e ser calmo na abordagem dos problemas, respeitar o aluno, isto é, confiar nele e não o humilhar, tudo isto com a firmeza necessária para cumprir as decisões tomadas.

Segundo a proposta de Oliveira (2005), Oliveira e Reis (2005) defendem a necessidade de se discutir problemas de indisciplina na sala de aula nos cursos de formação por conta das mudanças significativas que a relação professor aluno vem sofrendo no decorrer do tempo, promovendo, assim, reformulação histórico-cultural do Homem. As grandes e contínuas transformações sociais, culturais e tecnológicas do mundo contemporâneo têm solicitado uma nova proposta de educação que ofereça um novo modelo de escola e, conseqüentemente, que tenha um novo perfil de professor para atender às necessidades do aluno que vive a realidade desta nova era.

O papel do professor é importante porque contribui para a construção da identidade do aluno como futuro cidadão. É frequente depararmos nas nossas salas de aula com alunos à espera de regras ou normas para que as possam transgredir. Para a maior parte destes jovens, a desobediência a regras e normas da escola e da sala é um dos meios mais comuns para que possam chamar a atenção e fazer-se notar como indivíduos. Atitudes como estas podem ser um meio de busca de identidade. Ao observarmos alguns alunos em sala de aula, são perceptíveis as formas de agressões utilizadas por eles na tentativa de se fazerem notar como pessoas. O professor deve possibilitar ao aluno o respeito, a atenção e a obediência às regras escolares, para isso, é necessária uma apresentação aberta e democrática daquilo que se pretende que estes alunos compreendam. O professor, ao desempenhar as suas funções de forma aberta e democrática para manter a ordem e a disciplina na sala de aula, deve negociar e propor aos alunos o respeito por essas regras de grupo e da escola no início do ano letivo com a intenção de compreender as

opiniões e comportamentos dos alunos de modo a obter uma confiança mútua, este sentimento de confiança vai servir de incentivo ao desenvolvimento do equilíbrio necessário para o aluno favorecendo a formação da sua identidade. O professor será sempre um professor mas não podemos negar que muitas vezes, devido a problemas sociais e /ou emocionais a confiança que os alunos vão ganhando com o professor pode levar a alguns exageros, o aluno deposita no professor todas as suas fraquezas como busca de ajuda para os seus problemas. O professor deve respeitar essa confiança, respeitar o aluno, as suas necessidades e limitações mas também saber o momento certo para o solicitar, chamá-lo à atenção para o cumprimento das regras de convivência e de disciplina, estimulando a participação e organização.

Estrela (1992) chama a atenção dos professores para a ideia de que os alunos mais indisciplinados são os que exigem dos professores que mantenham a sala em ordem. Isso é prova de que estes alunos precisam de ajuda e que o professor é uma peça fundamental. Muitas vezes as atitudes de indisciplina na sala de aula, a vontade de dar nas vistas, devem ser analisadas e estudadas, visto que os conflitos externos, em muitos casos, não existiriam se não acontecessem primeiro internamente. Essa situação leva-nos a refletir que, mais que cobrar ou castigar, é importante dar atenção ao aluno “desordeiro”, transgressor, indisciplinado e atribuir-lhe tarefas de confiança de modo que este perceba que está a ser, observado e valorizado pelo meio em que está inserido. Esta atitude positiva do professor no processo de formação do aluno é segundo Outeiral (1994, p. 72)

Os professores também são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, nesse sentido, têm uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de se lembrar dos professores importantes, com os quais se identificou, da mesma forma que daqueles com os quais procurou ser completamente diferente.

Devemos ter a consciência de que somos mediadores ou ainda mobilizadores que alavanca as mudanças sociais. Para isso, devemos ter por base um sentido filosófico educacional que leve em conta os aspetos epistemológicos que abordam o conhecimento de forma interdisciplinar e respeitam o tempo de cada aluno, conduzindo-o a uma compreensão não somente à leitura de palavras, mas, sobretudo à leitura de mundo.

Parte II – Enquadramento Empírico

CAPÍTULO II - Procedimentos Metodológicos

1. Identificação e Justificação do Problema

Nesta fase do nosso trabalho debruçamo-nos sobre as principais opções da investigação empírica como forma de conhecermos a perceção e ação dos professores do ensino secundário, face à indisciplina na sala de aula.

Trata-se de explicar como nos propusemos a alcançar os nossos objetivos, isto é, qual o método para o fazer. Etimologicamente, método significa “caminho a seguir” ou seja, “um conjunto de operações situadas a diferentes níveis, que têm em vista a consecução de objetivos determinados” (Pardal e Correia, 1995, p. 27). Este deve ser orientado por um esquema teórico subjacente à recolha de dados, que, por sua vez, se apoia nas hipóteses formuladas.

Sendo a indisciplina um problema tão atual e complexo, após o enquadramento teórico sobre este conceito, prosseguimos a investigação através de inquéritos por questionários direcionados a um pequeno grupo de professores do ensino regular e profissional a fim de saber se o professor se abstrai da indisciplina e exerce continuamente a sua atividade; saber com que frequência o professor negoceia regras de comportamento com os alunos; saber como se posiciona o professor face ao aparecimento da indisciplina na sala de aula; reconhecer influências de fatores internos e externos à escola; saber com que frequência os professores “rotulam” os seus alunos; conhecer a opinião dos professores quanto às estratégias adotadas com vista a evitar ou diminuir a indisciplina na sala de aula; saber qual o tipo de abordagem mais usado pelo professor, para conseguir um ambiente agradável e disciplinado;

procurar saber como é que o professor emocionalmente se sente face à docência; qual a importância que dá à formação contínua, em especial formação em “gestão de conflitos”, incluir no questionário a pergunta se o professor optaria por outra atividade caso tivesse essa oportunidade. Escolhemos o questionário porque este garante anonimato, condição precisa para a autenticidade das respostas.

Esta metodologia permite uma análise quantitativa não aprofundada mas que nos remete para um estudo exploratório e reflexivo.

2. Objetivos principais:

1. Compreender e analisar a influência dos docentes no desencadear de problemas disciplinares;
2. Compreender a importância da relação pedagógica no comportamento dos alunos;
3. Compreender de que forma as expectativas dos professores em relação aos alunos pode influenciar o seu comportamento;
4. Conhecer a importância da formação inicial e contínua dos professores;
5. Identificar e analisar os procedimentos dos professores face à indisciplina;
6. Identificar os efeitos da indisciplina nos professores.

3. Pergunta de Partida e Formulação de Hipóteses

Em que medida o percurso académico do professor pode condicionar a sua perceção e ação face à indisciplina do aluno em sala de aula?

Com base nesta pergunta, procuramos saber junto dos professores, qual a importância que estes dão à relação professor/aluno e se pensam que tal relação pode influenciar negativamente ou favoravelmente a (in)disciplina.

Ao iniciar este estudo, partimos de várias hipóteses:

Hipótese 1: a formação de professores, quer inicial, quer contínua, é fundamental para ajudar a acompanhar a mudança social, prevenindo

eventuais comportamentos disruptivos e evitando e/ou minimizando sintomas de mal-estar docente;

Hipótese 2: as expectativas negativas dos professores em relação aos alunos podem prejudicar a relação professor/aluno;

Hipótese 3: a relação pedagógica surge como um fator determinante na gestão de comportamentos.

4. Inquérito por questionário

A técnica escolhida foi o inquérito por questionário. O questionário a aplicar foi o de administração direta (Quivy&Campenhoudt, 1992), uma vez que é preenchido pelo próprio inquirido. Esta técnica “Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativamente à sua situação” (Quivy&Campenhoudt, 1992: p.188), dependendo do objeto em estudo. Através do questionário podem ser formuladas questões com o intuito de se saber a opinião do inquirido sobre determinada matéria, os seus conhecimentos sobre qualquer assunto, as suas atitudes em relação a questões humanas, enfim, um número infindável de temas a abordar. Numa perspetiva sociológica, o inquérito por questionário visa a “verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem” (Quivy&Campenhoudt, 1992: 188).

No sentido de agilizar o preenchimento do inquérito procedemos à sua distribuição via digital, através da dropbox.

5. Participantes na amostra

Participaram no inquérito por questionário, online, 45 professores do ensino secundário e profissional de escolas públicas e privadas do Grande Porto. O retorno foi 100%.

6. Análise de Dados

Neste ponto vão ser analisados e apresentados os dados que foram recolhidos através dos inquéritos por questionário aos professores do ensino secundário e profissional.

Os resultados obtidos encontram-se de acordo com o guião do inquérito por questionário e foram os seguintes:

Gráfico 1 -Sexo dos inquiridos

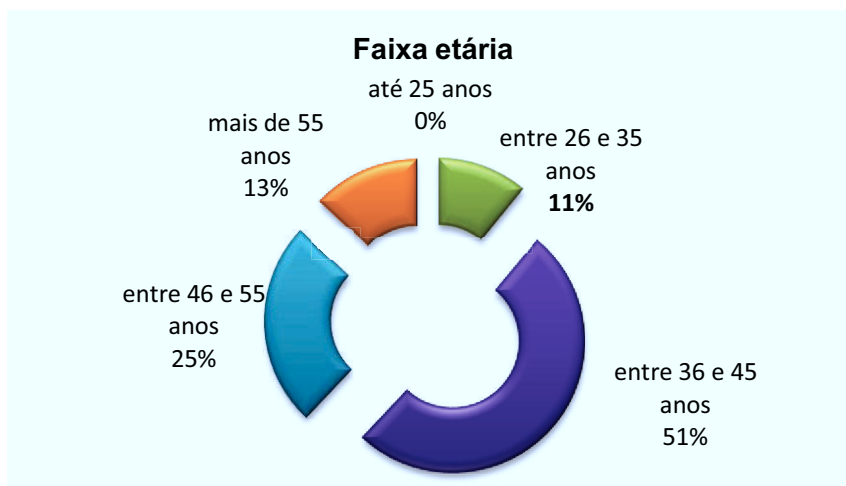
Questão 1: Sexo dos inquiridos



Da observação do Gráfico 1, verificamos que dos quarenta e cinco professores inquiridos neste estudo, 80% são do sexo feminino e vinte do sexo masculino.

Gráfico 2 - Idade dos inquiridos

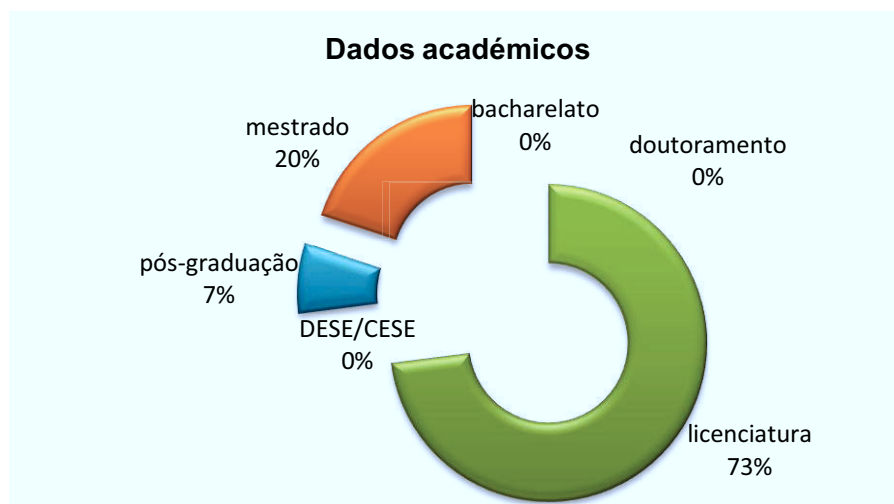
Questão 2: Idade dos inquiridos



Relativamente à idade, podemos observar que nenhum dos docentes inquiridos tem até 25 anos. 11% dos docentes têm entre 26 e 35, e 51% encontram-se na faixa etária entre os 36 e os 45 anos. Entre os 46 e os 55 anos encontram-se 25% e 13% têm mais de 55 anos.

Gráfico 3 – Dados académicos

Questão 3: Formação Académica



Em termos de habilitações académicas, e observando o Gráfico 3, concluímos que 73% dos participantes têm licenciatura, 20% mestrado e 7% pós-graduação. Verificamos que todos os docentes possuem uma vertente pedagógica.

Gráfico 4 - Situação Profissional

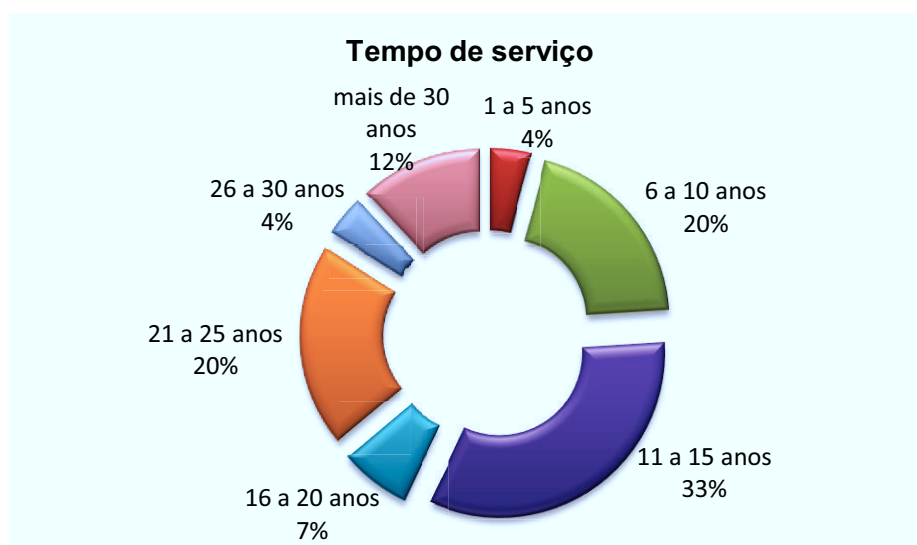
Questão 4: Situação Profissional



No que diz respeito à situação profissional, observamos que a maior frequência regista os professores contratados – 53%. Integram o Quadro de Escola 45% e 2% do Quadro de Zona Pedagógica.

Gráfico 5 - Tempo de Serviço

Questão 5- Tempo de Serviço

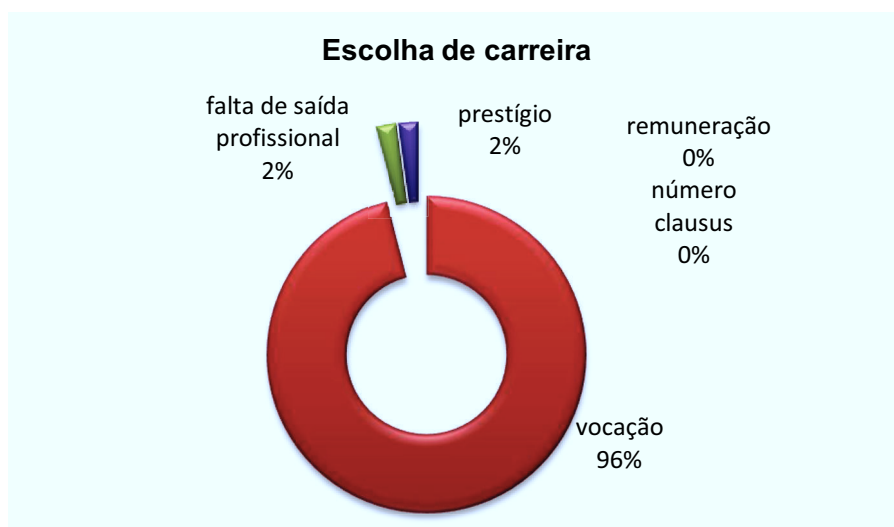


Relativamente ao tempo de serviço dos docentes, o Gráfico 5 mostra-nos que 4% dos professores lecionam entre 1 a 5 anos e igualmente 4% entre 26 e 30 anos de serviço. Entre os 6 e 10 anos exercem a sua atividade profissional 20% e entre os 11 a 15 anos de serviço, 35%. Seguidamente, entre 16 e 20 anos encontramos 7% dos inquiridos, 20% entre 21 e 25 anos e mais de 30 anos de serviço, 12%.

Neste âmbito, verificamos uma grande abrangência no que concerne ao tempo de serviço docente, possibilitando uma maior complementaridade entre os professores.

Gráfico 6 – Escolha de carreira

Questão 6: A escolha da carreira de ensino foi devido a:



De acordo com a leitura do Gráfico 6, verificamos que a maioria dos professores – 96% - optou pela carreira de ensino por vocação. Afirmam que a sua escolha foi originada devido à falta de saída profissional no curso ideal 2% e igualmente 2% por prestígio da profissão.

Gráfico 7: Grupo disciplinar

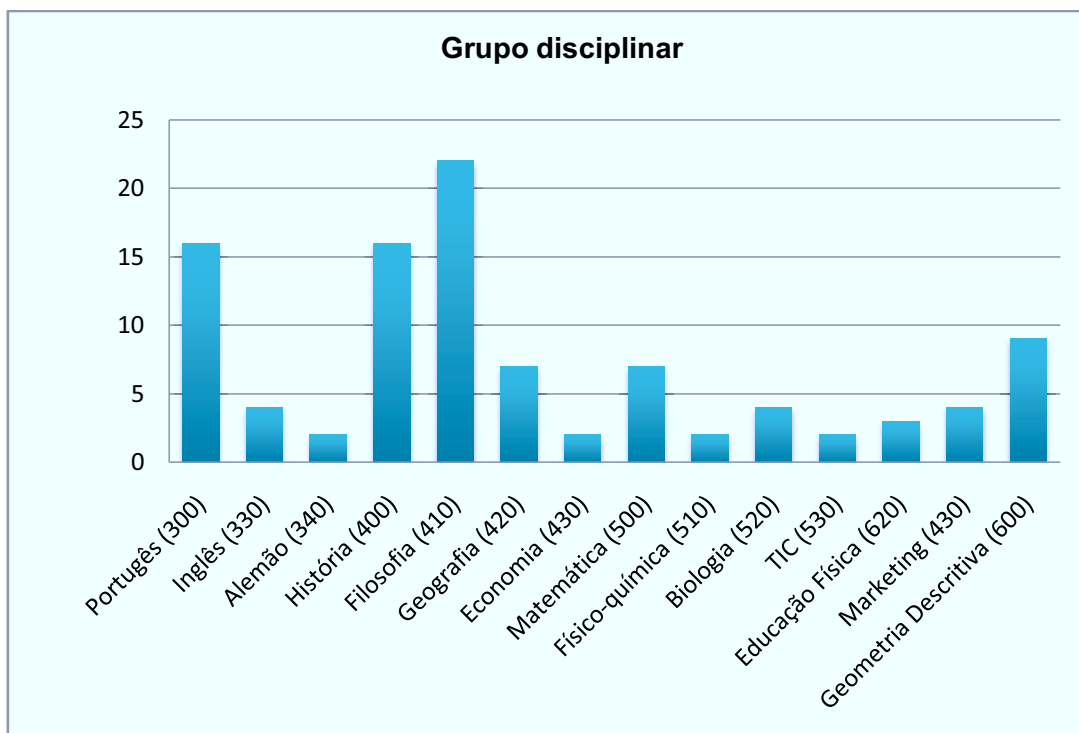
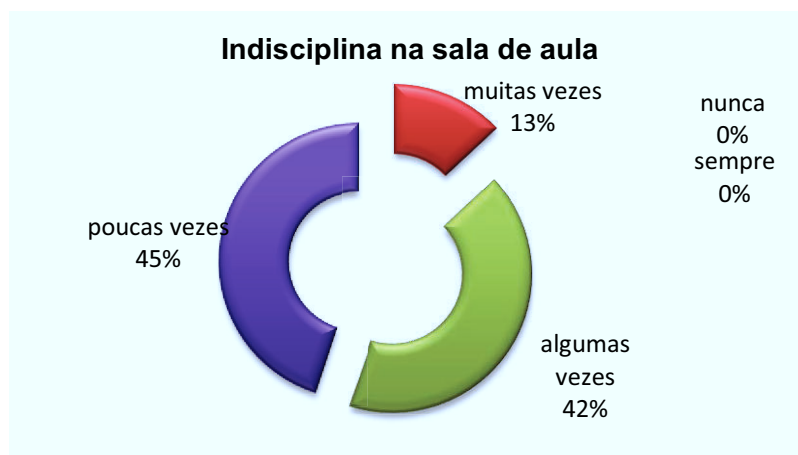


Gráfico 8 - Indisciplina e relação pedagógica na sala de aula

Questão: com que frequência com que os professores se deparam com casos de indisciplina na sala de aula?



De acordo com a observação do Gráfico 7, concluímos que todos os professores se confrontam com esta problemática. 13% muitas vezes, algumas vezes 42% e 45 % responderam que se deparam poucas vezes.

Gráfico 9- Prosseguimento das atividades escolares com presença de indisciplina

Questão 9: No caso de indisciplina, consegue abstrair-se e tenta exercer cabalmente a sua actividade?



A partir do gráfico 8 verificamos que 31% dos professores, perante a indisciplina, nunca se conseguem abstrair e exercer convenientemente a sua função. 29% dos docentes dizem conseguir abstrair-se poucas vezes, 16% raramente e 4% referem que o conseguem fazer sempre.

Gráfico 10 - Importância da relação pedagógica no sucesso do processo ensino/aprendizagem

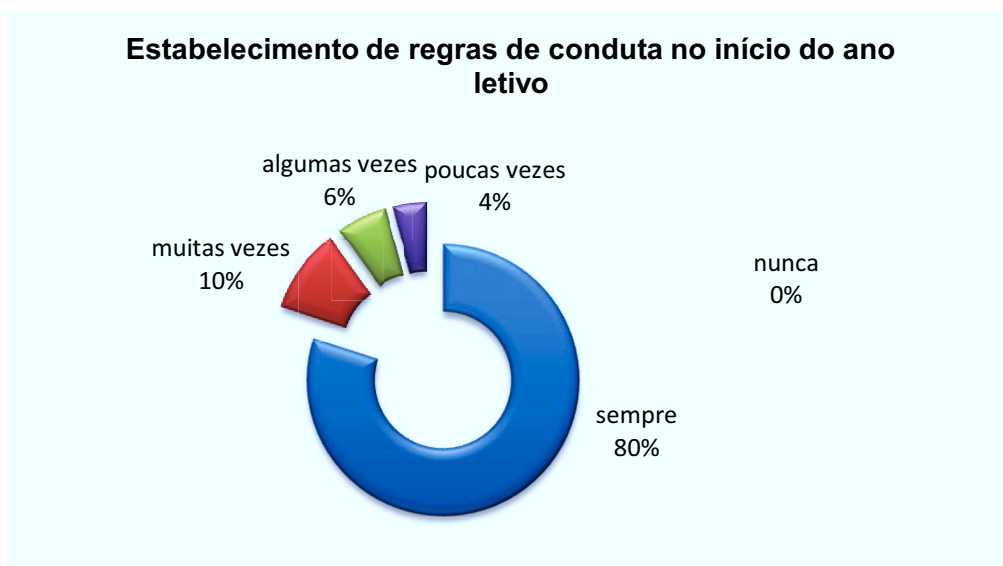
Questão 8- Na sua opinião, uma relação pedagógica adequada entre professor e aluno é essencial para garantir o sucesso no processo ensino/aprendizagem?



Ao observarmos o gráfico 9, constatamos que 100% dos professores inquiridos considera fundamental a relação pedagógica adequada entre professor/aluno de forma a garantir o sucesso educativo.

Gráfico 11 - Estabelecimento de regras de conduta

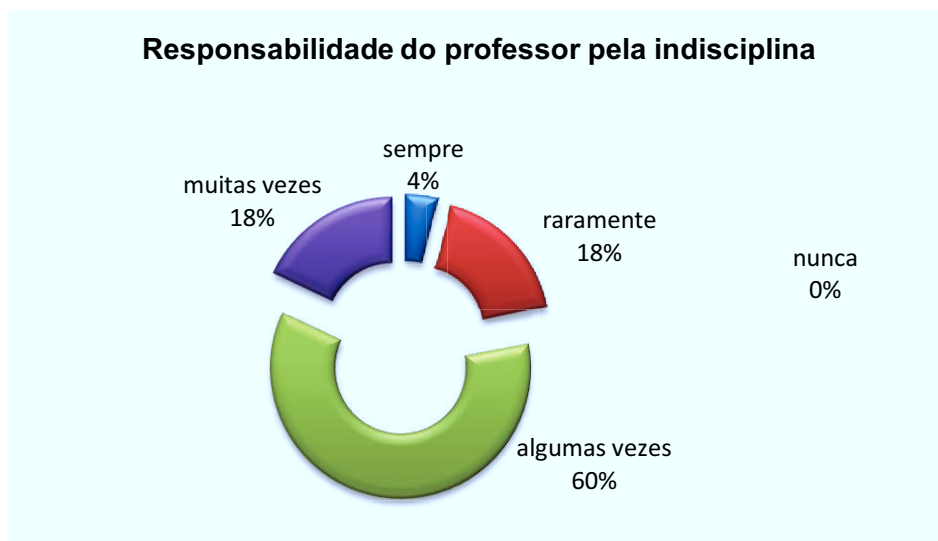
Questão 10: No início do ano lectivo, estabelece e negocia com os seus alunos regra de conduta?



Pelo que observamos da leitura do Gráfico 10, no que diz respeito ao estabelecimento e negociação de regras de conduta com os alunos no início do ano letivo, 80% dos professores inquiridos respondem que o fazem sempre. 10% referem que o fazem muitas vezes, 6% dos professores respondem fazê-lo algumas vezes e 4% poucas vezes.

Gráfico 12 - Responsabilidade do professor no suscitar da indisciplina

Questão 12- Pensa que, por vezes, o professor pode ser responsável pela indisciplina na sala de aula?



Relativamente à atribuição da responsabilidade ao professor pela indisciplina na sala de aula, 60% dos inquiridos consideram que o professor poderá ser responsável pela mesma algumas vezes. A frequência muitas vezes assim como raramente 18% e 4% sempre.

Gráfico 13- Expectativas acerca dos alunos

Questão 13: Costuma construir expectativas acerca dos seus alunos?



De acordo com o gráfico 13 - 58% dos professores inquiridos respondem que constroem algumas vezes expectativas acerca dos alunos. 20% afirmam muitas vezes, 16% raramente e 6% nunca.

Tabela 1 - Percentagens em relação aos fatores externos à escola como causa de indisciplina

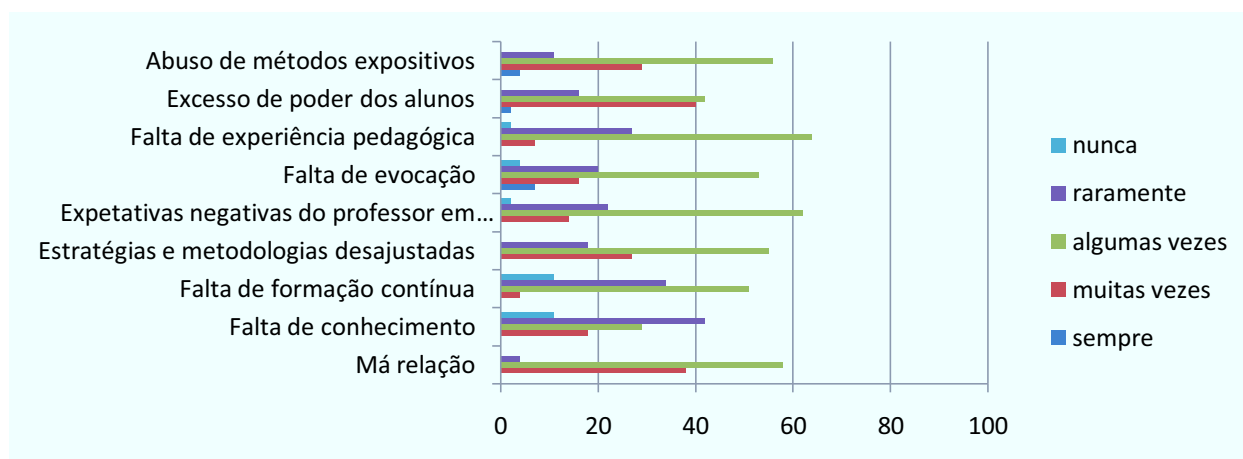
Questão 12.1: No caso de existir indisciplina na sala de aula, considera que poderão ser causa desse comportamento, factores externos à escola:

Fatores externos à escola	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Retaguarda familiar precária	13%	69%	16%	2%	0
Desvalorização do saber escolar	2%	60%	34%	4%	
Motivos psicológicos	2%	36%	53%	3%	2%
Outro(s)					

Tabela 2 - Percentagens em relação fatores internos à escola como causa de indisciplina

Fatores internos à escola	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Obrigatoriedade da escolaridade	4%	32%	38%	22%	4%
Deficiente funcionamento e organização escolar	2%	36%	44%	18%	0%
Clima de escola pouco motivador	0%	31%	51%	17%	0%
Excesso de alunos	9%	51%	31%	7%	2%
Falta de equipamentos	0%	47%	49%	9%	0%
Falta de motivação provocada por retenções sucessivas	0%	47%	47%	4%	2%

Gráfico 14 - Fatores internos à escola e ligados ao professor



Relativamente aos fatores internos à escola e ligados ao professor – má relação professor/aluno - as frequências muitas vezes e algumas vezes deixam transparecer a opinião da maioria dos inquiridos, com 38% dos professores para a primeira frequência e com 58% para a segunda frequência. 4% dos professores dizem que só raramente a disciplina é afetada pela má relação professor/aluno.

Dos professores inquiridos, 42% apontam que só raramente a falta de conhecimentos científicos por parte de quem leciona pode ser causa de indisciplina; 29% dos inquiridos declaram que algumas vezes a consideram fator de indisciplina e 18% muitas vezes.

Esta realidade vem validar a opinião de Afonso (1991) uma vez que o autor acredita que a falta de preparação científica dos professores pode não ajudar a evitar e resolver problemas de indisciplina.

Quanto à falta de formação contínua de professores, 51% dos inquiridos são de opinião que algumas vezes esta lacuna é causa de indisciplina; 34% consideram-na raramente origem de indisciplina, 4% muitas vezes e 11% nunca.

As estratégias e metodologias de ensino desajustadas são consideradas, algumas vezes, como causa da indisciplina pela maioria dos professores – 55%. A frequência muitas vezes é apontada por 27% dos professores enquanto a frequência raramente é apontada por 18% dos participantes.

No que diz respeito às expectativas negativas dos professores em relação aos alunos, 62% dos inquiridos respondem algumas vezes, 14% muitas vezes, 22% raramente e 2% nunca.

Relativamente à falta de vocação, 53% dos professores inquiridos declaram que este fator pode suscitar, algumas vezes, indisciplina. 16% consideram esta carência muitas vezes causa provável de indisciplina, 7% sempre, 20% raramente e 4% nunca.

Dos professores inquiridos, 64% indicam, algumas vezes, a falta de experiência pedagógica como causa provável dos comportamentos indisciplinados; 7% muitas vezes, 27% raramente e 2% nunca a consideram.

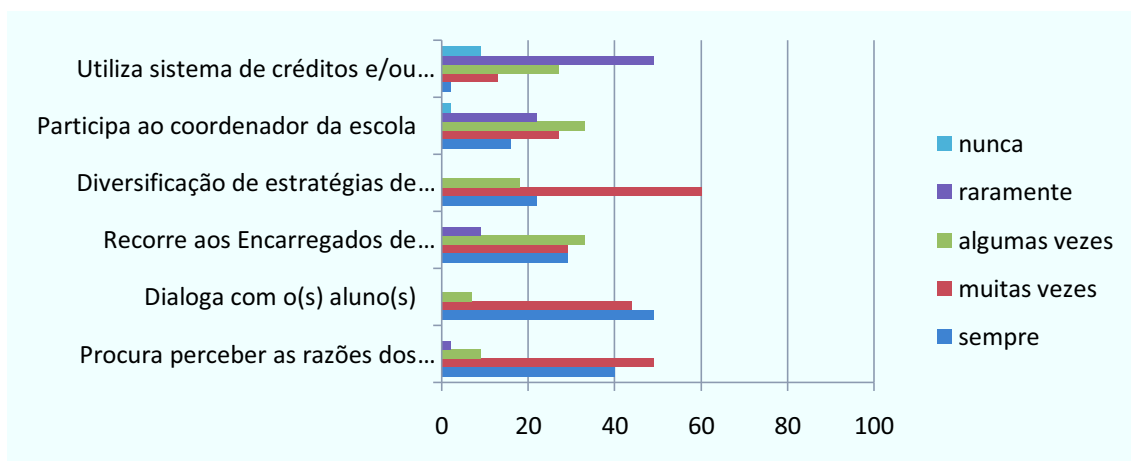
Quanto ao excesso de poder dos alunos, 42% dos professores inquiridos afirmam que é algumas vezes causa de indisciplina, 40% muitas vezes, 2% sempre e 16% raramente.

No que se refere ao abuso de métodos expositivos como possível causa de indisciplina, 56% dos professores são da opinião que este método pode, algumas vezes, influenciar negativamente o comportamento dos alunos; 29% apontam-no de muitas vezes e 11% dos professores consideram este fator raramente.

Gráfico 15 - Construção da disciplina

Percentagens em relação às atuações dos professores para prevenir e/ou diminuir comportamentos indisciplinados

Questão 15: Para evitar ou diminuir os comportamentos indisciplinados:



No gráfico 15, verificamos que para evitar ou diminuir os comportamentos indisciplinados, 40% dos professores inquiridos dizem que procuram perceber sempre as razões desses comportamentos e respetivos antecedentes. Verificamos também que 49% respondem que o procuram fazer muitas vezes, 9% algumas vezes e 2% raramente. As frequências nunca não obtiveram nenhuma resposta.

Para desviar os comportamentos indisciplinados, 49% dos professores dizem recorrer sempre ao diálogo com os alunos e 44% dizem fazê-lo muitas vezes e 7% algumas vezes. As restantes frequências não apresentam qualquer indicação

Quanto ao recurso aos encarregados de educação, 29% dos participantes dizem fazê-lo sempre, 29% muitas vezes e 33% algumas vezes. A frequência raramente espelha apenas a opinião de 9% dos professores.

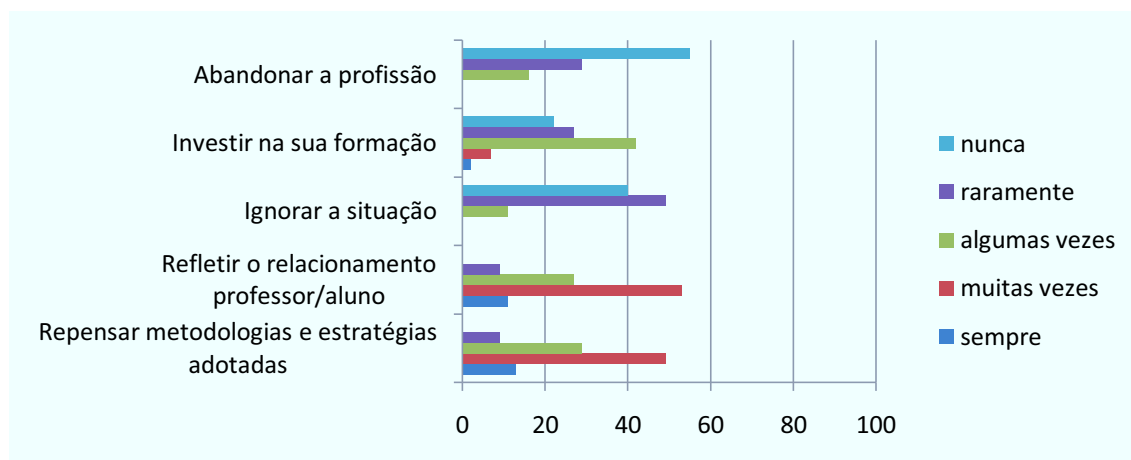
Para abrandar ou evitar os comportamentos indisciplinados, 22% dos professores optam por diversificar sempre as estratégias de ensino e/ou adotar outros conteúdos programáticos; 60% dos professores optam por esta diversificação muitas vezes e 18% algumas vezes. Ninguém assinala as frequências raramente e nunca

Relativamente à participação ao coordenador de escola dos comportamentos indisciplinados, 33% dos professores dizem que o fazem algumas vezes, 27% muitas vezes e 16% sempre; 22% dos professores fazem raramente esta participação e 2% dizem que nunca a fazem.

Dos professores inquiridos, 49% dizem utilizar, raramente, sistemas de créditos e/ou recompensas para minorar a indisciplina e 27% utilizam-nos algumas vezes, 13% muitas vezes, 2% sempre e 9% nunca.

Gráfico 16 - Procedimentos a adotar perante casos de indisciplina

Questão 15.1 - Na sua opinião, a indisciplina dos alunos impele-o:



Analisando o gráfico, concluímos que a indisciplina com que o professor se depara na sala de aula, 49% impele-o, muitas vezes, a repensar as metodologias e estratégias adotadas; 29% respondem algumas vezes, 13% sempre e 9% raramente. A criatividade do professor, a sua capacidade de lecionar o programa da disciplina usando diferentes metodologias e estratégias adaptadas à turma vai motivar e influenciar o interesse dos alunos pelos temas a tratar.

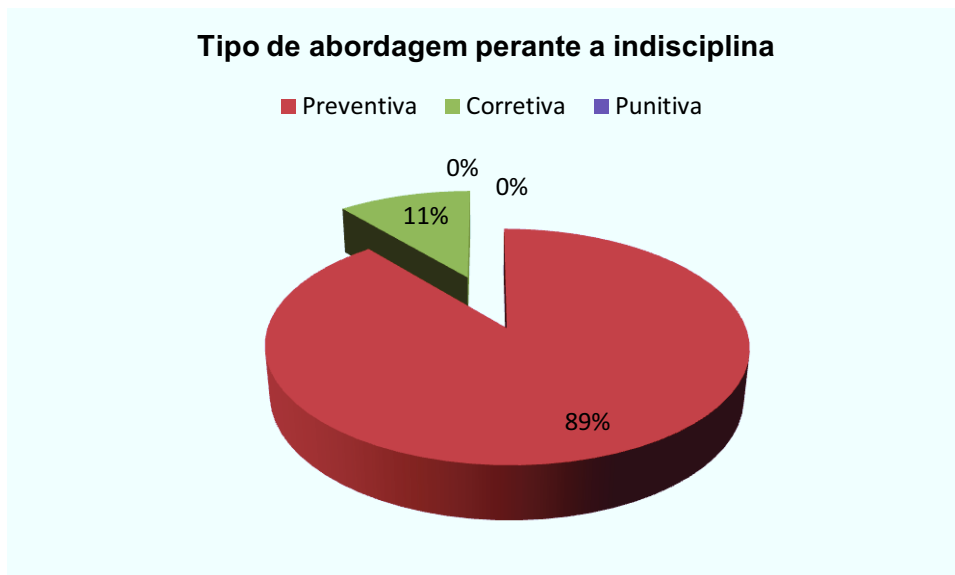
Refletem sempre no relacionamento professor/aluno 11% dos professores, muitas vezes, 53% dos professores e algumas vezes 27% e 9% dos professores respondem que raramente fazem esta reflexão.

Perante casos de indisciplina na sala de aula, 40% dos professores respondem que nunca ignoram a situação. 49% só o fazem raramente e apenas 11%, algumas vezes. Neste item, ninguém assinala as frequências sempre e muitas vezes.

Dos professores questionados, 2% são de opinião que a indisciplina os incita a investir sempre na formação contínua, 7% muitas vezes e 42% algumas vezes. Este investimento é feito raramente por 27% e nunca por 22%. Quanto à última alínea, 55% dos professores declaram que a indisciplina nunca os impele de abandonar a profissão, 29% responde raramente e algumas vezes 16%. dos inquiridos e somente 2% impele-o muitas vezes.

Gráfico 17 - Tipo de abordagem utilizado pelo professor na construção da disciplina.

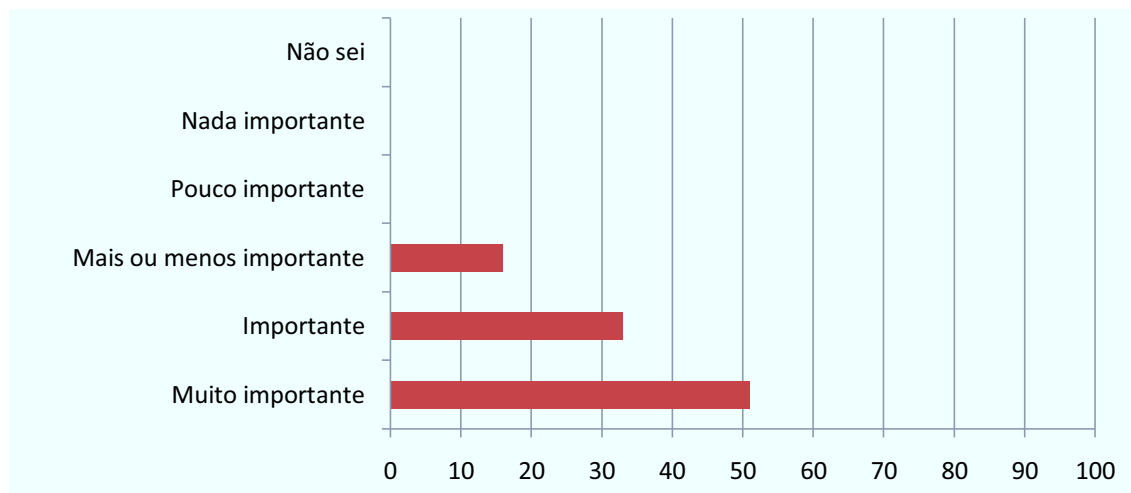
Questão 16- Com vista à construção de um ambiente de disciplina na sala de aula, qual das abordagens utiliza com mais frequência?



Da leitura do Gráfico 18, constatamos que a abordagem utilizada com mais frequência com vista à construção de um ambiente de disciplina na sala de aula é a abordagem preventiva, aplicada por 89% dos professores inquiridos. A abordagem corretiva é a mais utilizada pelos restantes representantes da amostra – 11%. Assim, a abordagem punitiva não é referida por nenhum dos professores. Podemos concluir que a abordagem preventiva é aquela que melhor favorece a construção da disciplina na sala de aula. “Intervir precocemente funciona como uma mais-valia neste processo atendendo que muitos dos problemas disciplinares vão-se agudizando sistematicamente, se não existir intervenção, funciona portanto, como uma “bola de neve” (Afonso, 2006, p. 188)

Gráfico 18 -Importância da formação de professores

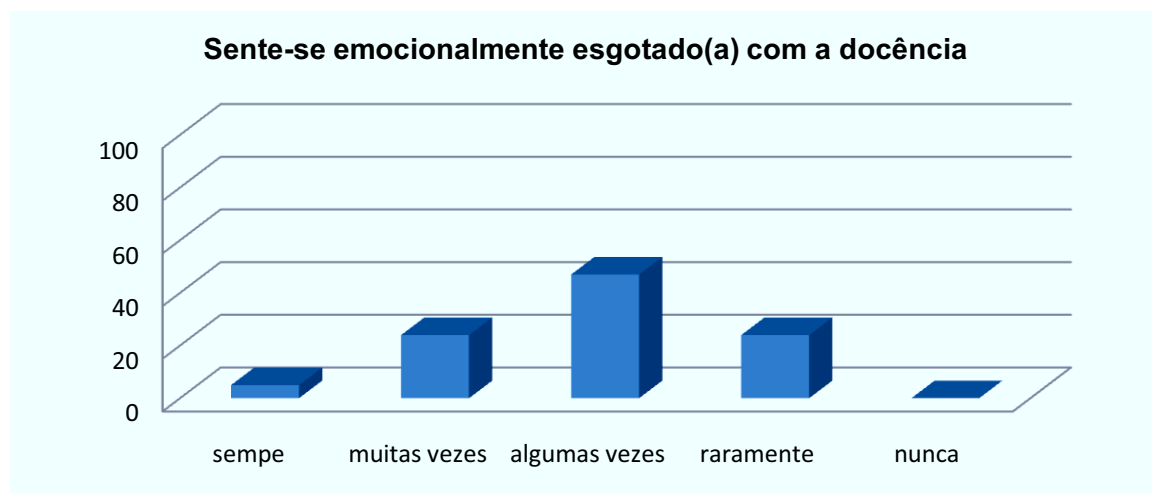
Questão 17- Qual a importância que atribui à formação de professores para lidar com a indisciplina na sala de aula?



Analisando o Gráfico 19, verificamos que 51% dos professores atribui muita importância à formação de professores para lidar com a indisciplina na sala de aula. 33% consideram importante e 16% mais ou menos importante.

Gráfico 19 -Sensação de esgotamento relativamente à docência

Questão 18- Sente-se emocionalmente esgotado(a) com a docência?



Da observação do Gráfico 19, constatamos que 24% dos professores se sentem, muitas vezes, emocionalmente esgotados com a docência; 47% afirmam que se sentem algumas vezes, 24% raramente e 4% sempre. Nenhum dos inquiridos respondeu à frequência nunca. A par da indisciplina, poder-se-á

criar na classe docente um mal-estar e, conseqüentemente sentimentos de insegurança, instabilidade, frustração, receio e stress.

Gráfico 20 - Desejo de exercer outra atividade que não a de professor

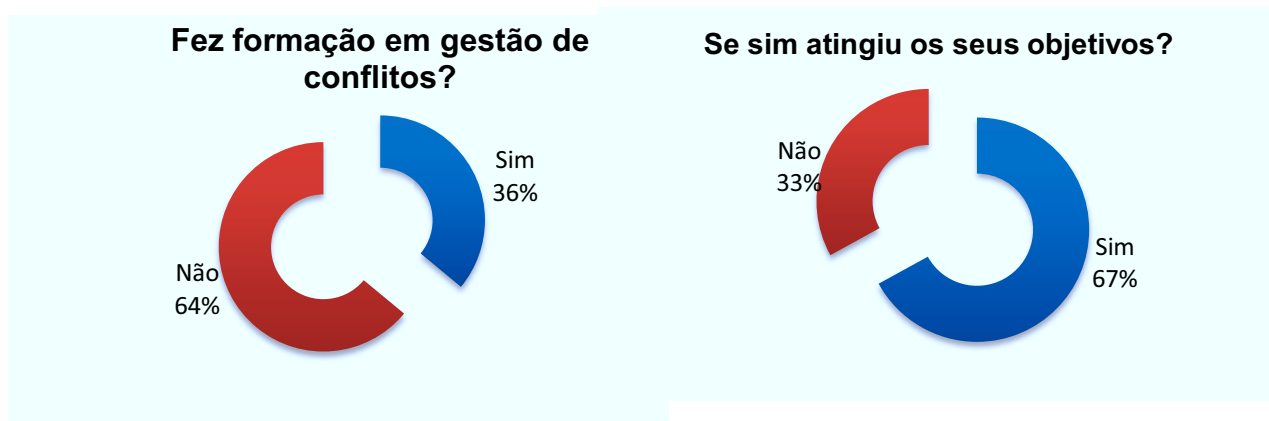
Questão 19- Se pudesse, gostaria de exercer outra atividade que não a de professor?



Relativamente à vontade que os professores demonstram em exercer outra atividade que não a de professor, verificamos a partir do gráfico 19 que são 16% os professores que respondem sim; 64% declaram que não e 20% respondem não sabem.

Gráfico 21 - Formação em gestão de conflitos

Questão 20 – Já alguma vez fez formação em gestão de conflitos?



Finalmente questionamos sobre a pertinência da formação em gestão de conflitos. Concluimos que 64% dos professores inquiridos não fez formação e 62% gostaria de ter a realizar. Dos 36% dos professores que fizeram formação, 24% consideraram ter atingido os objetivos pretendidos, 11% consideraram que não.

7. Verificação das hipóteses

Com a investigação que desenvolvemos, quer centrada em diferentes autores, quer baseada numa pequena amostra, julgamos ter encontrado a resposta à pergunta de partida que motivou o nosso trabalho. Com efeito, na perspectiva de diferentes autores e professores, também eles podem ser responsáveis pela indisciplina na sala de aula.

Relativamente à primeira hipótese formulada, que pretendia apurar se a formação de professores, quer inicial, quer contínua, é fundamental para ajudar a acompanhar a mudança social, prevenindo eventuais comportamentos disruptivos e evitando e/ou minimizando sintomas de mal-estar docente, esta foi validada na medida em que a parte empírica a confirma 51% dos inquiridos consideraram muito importante e 33% importante frequentar ações de formação. A formação contínua não pode ignorar os comportamentos de indisciplina, concluímos que é importante implementar programas de formação que torne os professores mais aptos a estabelecerem com os seus alunos uma relação positiva que permita a harmonia e a ordem necessárias ao trabalho produtivo da aula. A formação inicial e contínua deve enriquecer os professores com instrumentos de análise ligados à psicologia cognitiva e relacional. Formação que sugira práticas alternativas, que ajude os professores a lidar com a heterogeneidade da turma, com especial atenção aos alunos com necessidade de educação especial e ainda que proporcione alteração nos modos de organização pedagógica. Os professores inquiridos confirmam a importância da formação de professores em “gestão de conflitos” para os ajudar a lidar com a indisciplina na sala de aula.

No que diz respeito à segunda hipótese: as expectativas negativas dos professores em relação aos alunos podem prejudicar a relação professor/aluno; entendemos que esta hipótese também foi validada, 58% da amostra criam algumas expectativas e 20% sempre. De facto, as expectativas dos professores em relação aos alunos podem ser prejudiciais, quer para a relação professor/aluno, quer para o sucesso escolar e autoestima dos alunos que, por vezes, tendem a comportar-se de acordo com as perceções que os professores têm deles.

FREIRE (1996, p.96), enfatiza que as características do professor que envolveafetivamente seus alunos afirmando que:

“O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas suas dúvidas, suas incertezas”.

Quanto à influência do professor na história pessoal do aluno o mesmo autor enfatiza:

“[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 1996,p.96)

Relativamente à terceira hipótese formulada: a relação pedagógica surge como um fator determinante na gestão de comportamentos. Esta hipótese também foi validada na medida em que a parte empírica a confirma. De facto, uma produtiva relação pedagógica é um fator determinante no combate à indisciplina.

No que respeita as estratégias pedagógicas consideramos que o comportamento distante do professor, a deficiente utilização de regras, temas monótonos e desajustados, métodos demasiado expositivos, podem conduzir à indisciplina. O ensino tem que ser criativo, e não apenas transmissor de conteúdos, pesado e rotineiro. Além disso, as tarefas devem ajustar-se às necessidades de cada um.

Abordámos também os possíveis efeitos negativos da indisciplina, refletidos no professor. Estes efeitos manifestam-se sob a forma de desgaste físico e psicológico, ansiedade, perda de eficácia educativa, diminuição de autoestima, sentimento de frustração, desânimo e stress. Este conjunto de fatores pode levar, em casos extremos, ao abandono da profissão e ou sucessivas baixas médicas.

Capítulo III –

1- Considerações Finais

“A indisciplina é filha predileta do autoritarismo e da permissividade. A disciplina a que me refiro é a liberdade, que conscientemente exercida conduz à ordem, não a ordem imposta que nega a liberdade. Como poderemos pensar em controlar as águas revoltas de um rio, se nos esquecermos das margens que as comprimem?” (*José Pacheco, Escola da Ponte*)

Este trabalho deu-nos a oportunidade de refletir sobre a problemática da indisciplina dentro da sala de aula. Analisámos o conceito de indisciplina apesar deste ser bastante complexo e de depender de variadíssimos fatores (sociais, culturais, geracionais, políticos e familiares) contudo foram os fatores pessoais do professor e fatores pedagógicos que quisemos realçar, por considerarmos os professores e os alunos os principais implicados no processo ensino/aprendizagem. Podemos concluir que uma boa relação pedagógica estabelecida entre professor/aluno, o estilo de liderança democrático, as relações simétricas de poder entre docentes e discentes, a procura de expectativas positivas, mútuas, de respeito entre os atores, a promoção de estratégias de ensino adequadas e ajustadas para todos, a oferta gratuita de formação contínua dos professores a fim de melhorar continuamente a competência científica, seriam bons princípios para combater os diversos comportamentos disfuncionais.

Entendemos que cabe ao professor gerir a heterogeneidade dos alunos, respeitando as suas diferenças, experiências e vivências e praticando um ensino individualizado. Para uma relação pedagógica harmoniosa é ainda de extrema importância a negociação e estabelecimento de regras entre professor/aluno, na medida em que estas conduzam à manutenção de um bom clima disciplinar.

A partir da análise dos inquéritos, verificámos que todos os professores se deparam com casos de indisciplina na sala de aula, 13% muitas vezes, 42% algumas vezes e 45% poucas vezes. Verificamos também que 49% dos professores respondem que procuram abstrair-se de casos de indisciplina e continuar a exercer a sua atividade. Na verdade, os professores não se podem abstrair das influências e das aprendizagens que os alunos trazem de casa, da família e da comunidade. Se o ensino escolar for totalmente desligado da vida doméstica e comunitária, resultarão, sem dúvida, tensões e “choques culturais”. E a este propósito Estrela afirma: “não se pode falar em disciplina ou em indisciplina independentemente do contexto sócio histórico em que ocorre” (2002, p.17). Todos os inquiridos estão cientes que um bom relacionamento professor/aluno é muito importante para o sucesso do processo ensino/aprendizagem. Esse relacionamento pedagógico adequado, prende-se com o estabelecimento e negociação de regras de funcionamento entre professor/aluno, no início do ano letivo. Estes inquéritos também revelam a quase unanimidade acerca da importância destas regras de conduta para o sucesso do ato educativo (80%). Se houver negociação e definição de regras simples e coerentes, estas serão, provavelmente, mais facilmente interiorizadas e cumpridas.

Perante a questão se o professor pode ser responsável pela indisciplina na sala de aula, observámos que os professores se assumem (60%) algumas vezes causadores da indisciplina dentro da sala de aula. Estrela (2002, p.88) considera que “o comportamento distante do professor, a despersonalização da relação originada pelo professor que ignora o nome do aluno, a brandura quando é esperada a força é algumas das situações que suscitam a retaliação do aluno”.

Perante as representações sociais que os professores fazem a respeito dos seus alunos, concluímos que a maioria dos professores (58%) algumas vezes rotula os alunos. Na nossa opinião as ideias preconcebidas e a rotulagem à volta dos jovens alunos podem, muitas vezes, constituir obstáculos ao empenho, motivação e interesse destes.

Numa outra questão pretendíamos apurar a opinião dos professores relativamente aos fatores que poderão potenciar comportamentos

indisciplinados: fatores externos à escola, fatores internos à escola e ligados à organização escolar e fatores internos à escola e ligados ao professor.

Relativamente à retaguarda familiar precária, a desvalorização do saber escolar e problemas psicológicos dos alunos (desenvolvimento cognitivo e moral, perturbações emocionais...) são fatores considerados sempre (13%), muitas vezes (69%) e algumas vezes (16%) como causadores de indisciplina, por parte dos professores. Entendemos que muitos dos comportamentos indisciplinados são de facto influenciados por fatores de ordem familiar, disfuncionamento do agregado familiar e fatores socioeconómicos onde as expectativas em relação à escola são normalmente negativas e pouco confiantes. Daí muitos professores atribuírem responsabilidades às famílias, dado estas desvalorizarem os saberes escolares.

Quanto aos fatores internos ligados à escola, referimo-nos à escolaridade obrigatória pelo que 32% atribuem muitas vezes responsabilidade a este fator e 38% algumas vezes. Assim, verificámos que a opinião dos inquiridos está de acordo com a de Jesus (2003) e de Ivo Domingues (1998), na medida em que estes investigadores defendem que com o alargamento da escolaridade obrigatória e a massificação do ensino, a escola começou a ser, para muitos alunos, uma imposição e um dever, criando-se, assim, situações de desinteresse e indisciplina. No que diz respeito à organização escolar, questionámos em que medida é que o deficiente funcionamento e organização escolar podem prejudicar a disciplina na sala de aula e 44% dos professores responderam algumas vezes e 36% muitas vezes. Contudo Jesus (2003 p. 27) defende que “onde houver uma pessoa intelectualmente preparada, com uma mensagem importante para transmitir e o gosto para a comunicar, haverá ensino de qualidade, mesmo que as aulas sejam lecionadas numa garagem velha e cheia de goteiras. Mas se dermos a tarefa educacional a uma pessoa sem preparação, que desconhece o trabalho que deve fazer, sem motivação para comunicar com as novas gerações, não podemos esperar uma educação de qualidade, ainda que dediquemos imensos recursos financeiros a construir edifícios magníficos e pavilhões polidesportivos de última tecnologia”.

Quanto ao excesso de alunos por turma, este fator é referido pela maioria dos inquiridos (51%), muitas vezes, como causa da indisciplina na sala de aula. É de fácil entendimento que, quanto maior é o grupo com o qual um

professor se relaciona, maior é a dificuldade que ele tem em apoiar os alunos e em controlar a turma.

Relativamente à falta de motivação provocada por retenções sucessivas, a opinião dos inquiridos é de 47% tanto para a frequência de muitas vezes como para algumas vezes. Os efeitos das repetências pode provocar nos alunos maior agressividade e frustração o que pode levar estes alunos à transgressão das regras de sala de aula.

No que diz respeito aos fatores internos à escola e diretamente ligados ao professor, tentámos saber que opinião tinham acerca da influência da má relação professor/aluno na disciplina. Concluímos que 58% dos professores consideram algumas vezes e 38% muitas vezes este fator como causa de comportamentos indisciplinados dentro da sala de aula. De facto, uma relação pedagógica harmoniosa entre professor/aluno é favorável a qualquer ato educativo.

Relativamente à falta de conhecimentos científicos por parte de quem leciona e à falta de formação contínua dos professores, grande parte dos inquiridos considera-as causas raras de indisciplina.

Apesar dos professores inquiridos não considerarem esta causa de indisciplina muito relevante, os professores demonstram necessidade em investir na sua formação, de forma a evitar e/ou diminuir comportamentos indisciplinados. De acordo com a nossa opinião, a formação de professores é muito importante pois ajuda os professores a lidar com situações problemáticas, no sentido da prevenção e até de abolição de comportamentos indisciplinados. De acordo com a afirmação de Patrício (1989 p. 232) “Uma sociedade que queira construir um futuro de prosperidade e de felicidade para os que a compõem tem de investir a fundo na educação”, o professor “é um elemento-chave no funcionamento da escola e no êxito de todas as políticas educativas que adotarmos (...) a aposta na educação (...) não pode deixar de ser a aposta no professor como principal instrumento de realização da educação escolar”. Nesta sociedade, cada vez mais complexa e diversa, cabe aos professores aperfeiçoar constantemente a sua prática e envolver-se em atividades de atualização e de formação contínua. O mundo atual está em constante transformação e o professor deve saber acompanhá-lo.

Quanto às estratégias e metodologias de ensino desajustadas e utilizadas pelos professores, 55%, consideram que estas podem ser, algumas vezes, motivo de indisciplina dentro da sala de aula. Assim, para contrariar este fator e/ou evitar comportamentos problemáticos, também a maioria dos professores diz diversificar as estratégias e ajustar os conteúdos programáticos às dificuldades e necessidades de cada aluno. É necessário que cada professor adote as técnicas mais adequadas, de forma a ir ao encontro do desenvolvimento cognitivo e moral, interesses, valores e vivências dos seus alunos.

Relativamente ao excesso de poder dos alunos, 42% dos inquiridos consideram-no, algumas vezes, causa de indisciplina e 40% muitas vezes. Frequentemente, os alunos adotam comportamentos perturbadores, como contestação ou desrespeito pela autoridade do professor, resultado das relações de poder que se estabelecem dentro da sala de aula.

Para a construção da disciplina e de modo a evitar e/ou diminuir comportamentos indisciplinados, grande parte dos inquiridos - 40% - responde que procura perceber sempre as razões desses comportamentos e respetivos antecedentes.

A maioria dos professores inquiridos relativamente à importância do diálogo como base de uma boa relação professor/aluno é consensual. De facto, toda a relação deve assentar num diálogo constante, em que o tradicional conceito de “autoridade” não seja, propriamente extinto, mas fundamentalmente reformulado. O diálogo é a base de uma boa relação professor/aluno, esta relação deve assentar num diálogo constante, aberto, construtivo e, sobretudo, deve conduzir a uma melhoria de todo o comportamento e atividade pedagógica.

Relativamente aos encarregados de educação, 29% dos professores dizem recorrer a eles sempre, 29% muitas vezes e 33% algumas vezes. O envolvimento dos pais/encarregados de educação, é um fator fundamental a ter-se em atenção, não só pela condição de tornar consistente a relação escola/família, mas também como meio de ajuda para que os professores possam conhecer melhor o processo individual de cada aluno. Cabe à escola, estar em permanente contacto com os encarregados de educação, informando-os de todo o processo escolar e obtendo informações dos alunos por parte dos

pais. Quando as famílias participam na vida escolar, constrói-se um clima saudável e de entendimento importante para a formação do indivíduo.

Quanto ao sistema de créditos e/ou recompensas, 49% dizem utilizar raramente e 27% algumas vezes.

Relativamente ao facto de ignorar a indisciplina, grande parte dos professores, 31%, diz nunca o fazer e 29% poucas vezes. Entendemos que a abstração dos professores face à indisciplina na sala de aula é muito negativa visto que quanto maior é a abstração maior é o risco de a indisciplina crescer tornando-se mais difícil controlá-la. Como é do nosso conhecimento, é crucial que os professores adotem medidas individualizadas e recorram a metodologias e estratégias interessantes de forma a captarem a atenção e o gosto pelos trabalhos a desenvolver.

No que concerne às abordagens utilizadas com mais frequência com vista à construção de um ambiente de disciplina na sala de aula, 89% utiliza com mais frequência a abordagem preventiva. Apenas 11% utilizam a abordagem corretiva com mais assiduidade. A este respeito, a maioria dos inquiridos partilha a mesma opinião com diversos autores, nomeadamente Estrela (2002), Eulália Barros (1996), Carita & Fernandes (1997) e afirmam que para se evitarem comportamentos inadequados, os professores devem-se centrar na prevenção da disciplina e não na forma de a controlar.

Consideramos que a relação professor/aluno influencia diretamente o processo ensino aprendizagem, uma boa relação entre as partes vai motivar o aluno levando-o a atingir os objetivos propostos. Desta forma, o aluno precisa de sentir confiança no professor. Sabemos que nem sempre essa relação é pacífica, pois no espaço de sala de aula surgem diferentes condicionantes que concorrem para desafiar o professor a exercitar o seu conhecimento e competências. Cabe a este administrar os conflitos que surgem os quais nem sempre são relativos ao âmbito do aspeto pedagógico. Como o professor trabalha com seres humanos, deve ter consciência de que as múltiplas influências que afetam tanto professores como alunos, os interesses, pontos de partida diferentes, tornam cada caso um desafio em especial. Tanto o professor como o aluno traz para a sala de aula os seus anseios, frustrações, desejos e necessidades que nem sempre consegue expressar claramente. Uma boa relação professor/aluno no sentido de colaboração e pertença a um grupo

implica um desenvolvimento saudável de espírito de grupo. O espírito de grupo positivo e colaborante torna o aluno coautor e responsável pelos seus atos, e deste modo, aprende a assumir compromissos e desafios, pois sabe que o grupo conta e espera a sua colaboração.

Pretendíamos saber se os professores se sentem emocionalmente esgotados com a docência e constatamos que 24% responde que o sentem muitas vezes e 47% algumas vezes. Todos nós sabemos que a indisciplina produz efeitos negativos não só em relação à socialização e ao aproveitamento escolar dos alunos, mas também em relação aos professores. O tempo que o professor perde na manutenção da ordem e o desgaste provocado pelo clima de tensão leva, muitas vezes, a sentimentos de frustração e desânimo, cansaço físico, ansiedade, stress, absentismo laboral e algumas vezes manifestação do desejo de abandonar a profissão. Contudo, quanto à questão relativamente ao desejo de exercer outra profissão, do universo de professores inquiridos obtivemos as seguintes respostas: 16% responderam que desejavam, 64% responderam que não e os restantes 20% responderam não saber.

Finalmente gostaríamos de saber a opinião dos professores quanto à questão sobre a formação em gestão de conflitos, podemos concluir que a maioria dos inquiridos considera muito importante a realização desta formação. É evidente a preocupação dos docentes perante a indisciplina na sala de aula, a formação em gestão de conflitos iria contemplar o carácter essencialmente relacional da função de professor e uma preparação para a prevenção dos problemas disciplinares na turma e na escola.

A complexidade que hoje envolve o trabalho docente é apresentada por contradições e oposições presentes nas escolas, nos sistemas e na sociedade. Podemos dizer que as mudanças no trabalho docente, acompanham as metamorfoses do mundo do trabalho respondendo assim ao processo de reformas e regulações educacionais implementadas. Afinal, o que é e como se configura o trabalho docente na atualidade?

O docente acumula uma variedade de papéis e de atividades, que o torna um trabalhador multifuncional, marcado pelas contingências situacionais e emergenciais, dos alunos, da escola, esta multifuncionalidade pode levar a

situações de stress por parte dos docentes que, por sua vez, pode influenciar o relacionamento com os alunos.

Um segundo aspeto que merece ser registado é a oposição entre a ênfase no trabalho coletivo entre professores, demais profissionais da escola, pais e comunidade e as condições de trabalho para realização de atividades desse tipo. A realização de um trabalho coletivo supõe uma planificação, por meio de interações dos docentes com os colegas, especialistas, gestores, funcionários, alunos, pais, comunidade e reorganização dos tempos e da área curricular para que caiba no horário de trabalho. No entanto, o trabalho coletivo que deve ser agregado às atividades diárias dos professores nem sempre cabe no espaço de tempo do trabalho remunerado, invadindo os horários da vida pessoal desses trabalhadores.

Um terceiro confronto está na relação entre autonomia e avaliação. Ao mesmo tempo em que se prega a autonomia das escolas e do trabalho do professor, ou seja, amplia-se o “poder” de decisão da escola sobre um conjunto de atividades; criam-se múltiplas avaliações centralizadas, como instrumentos de controlo, mantendo-se também centralizada as formulações das políticas educacionais. Cabe então às escolas oferecer uma formação contínua a todos os professores. A formação deverá permitir aos professores o conhecimento minucioso e real sobre a sua organização, o diagnóstico sobre os seus problemas e a mobilização das suas experiências, saberes e ideias para encontrarem e aplicarem as soluções possíveis nas situações reais de trabalho. Isto porque, ao nível do desenvolvimento profissional dos professores, a formação deve ir “no sentido da assunção de protagonismo no controlo e gestão dos espaços institucionais em que se exerce o seu trabalho, ou seja, as escolas; de um protagonismo na mudança e na inovação” (Amiguiño, 1992:45).

Para que a formação opere mudanças nos professores, ao nível do seu desenvolvimento pessoal e profissional, é necessária a sua articulação com os contextos onde os professores estão inseridos e onde intervêm, ou seja, não se pode pensar o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores sem os articularmos com as escolas e com os seus projetos.

Em face do exposto e preocupados que estamos em responder às múltiplas dificuldades ousamos sugerir um esboço de uma proposta de

intervenção que sendo da responsabilidade da escola deverá integrar e agrupar áreas próximas.

2. Proposta de Ação

A preocupação prende-se agora com o modo de construir as ofertas formativas, de forma a proporcionar aos profissionais dispositivos de formação que facilitem a aproximação entre as situações de trabalho e as situações de formação.

No âmbito da formação contínua e tendo em conta as preocupações dos professores, os resultados do inquérito que acabámos de analisar apontam para a dificuldade dos docentes em gerir conflitos. Se por um lado o trabalho que acabámos de apresentar é só uma pequena amostra, parece-nos que ela é significativa do sentir dos professores em geral, e deste ciclo de ensino em particular. Perante tantas mudanças e exigências da sociedade atual, a formação contínua é uma necessidade que envolve aspetos sociais e pessoais. O trabalho do professor é um desafio permanente e complexo, além da formação inicial o professor deve atualizar e complementar de forma continuada os seus conhecimentos, ajudando-o a obter uma visão maior do papel da sua profissão na sociedade atual, num mundo mais conflituoso e competitivo numa escola para todos, isto é, numa escola inclusiva.

Assim sugere-se:

- 1- Que o projeto educativo da escola ao evidenciar os pontos fortes e fracos dos diferentes agentes que a habitam possam valorizar esta vertente de formação a nível de gestão de conflitos e paralelamente.
- 2- A formação de docentes para uma escola inclusiva que possa acolher quer os alunos com necessidades educativas especiais quer aqueles que não sendo elegíveis ao abrigo do artigo 3/2008 pertencem ao grupo que o professor Carlos Afonso apelida de “grey students”. São estes alunos que ao se sentirem excluídos de um espaço que deveria ser seu, revelam comportamentos menos ajustados e que vemos referenciados no capítulo dos conflitos.
- 3- Entendemos pertinente propor formação contínua a todos os professores, que deverá ser ajustada à realidade de cada escola e do

seu grupo de professores. A formação contínua deverá acontecer em contexto de trabalho, isto é, na escola e reunir um conjunto de características que potencializasse a resolução e promoção do desenvolvimento profissional dos professores e o desenvolvimento da organização da escola. Para não interferir na sobrecarga horária dos professores entendemos que a formação deveria ser composta por seis sessões, realizando-se duas por período letivo e lecionada por uma equipa multidisciplinar, integrando o psicólogo e o professor de Educação Especial.

Parece-nos que a junção destas temáticas e a formação dos professores nestas áreas responderia a uma das necessidades mais prementes.

Para que a escola possa oferecer uma educação de qualidade para todos, inclusive para os alunos com necessidades educativas especiais, e para os alunos não elegíveis como tal, a escola precisa de preparar os seus professores. “Inclusão não significa, simplesmente, matricular os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica” (MEC-SEESP, 1998). É neste contexto que gostaríamos de realçar a importância da formação contínua de todos os professores. Sabemos que para haver sucesso educativo, relacional e afetivo é necessário dispormos de um suporte permanente e efetivo de recursos da escola regular para atender à diversidade dos alunos.

“Ser professor não é só uma questão de possuir um corpo de conhecimentos e capacidades de controlo da sua aula. Isso poderia fazer-se com um computador e um bastão. Para ser professor é preciso, igualmente, ter capacidades de estabelecer relações humanas com as pessoas e com quem se ensina. Aprender é um processo social humano e árduo, o mesmo se pode dizer de ensinar. Ensinar implica, simultaneamente, emoções e razão pura”. (Connel, p.91)

3. Conclusão

A educação deve ter sempre uma função humanitária e progressista e visar sempre a construção de um cidadão crítico, autónomo e seguro do seu espaço nesta sociedade, a fim de que possa reivindicar os seus direitos com a responsabilidade de seus deveres.

Com este trabalho, pretendemos refletir consciente e profundamente, aperfeiçoando os nossos conhecimentos assim como as nossas funções como professores do ensino secundário. Tentámos também ter dado um pequeno contributo aos colegas e restante comunidade educativa acerca de um tema tão problemático e atual como é a indisciplina na escola, não só pela frustração que eventualmente pode provocar ao professor mas também pela desmotivação, desinteresse e conseqüente insucesso escolar do aluno. Se por um lado obtivemos respostas, por outro lado, surgiram-nos novas questões: Estarão os professores determinados a constituir grupos de discussão para debaterem e refletirem sobre este problema? As atuais normas educativas, a burocracia, o número de horas na escola, o número de alunos por turma, a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais, a massificação das escolas e os atuais planos de formação inicial e contínua de professores preparam os mesmos para a diversidade de problemas existentes na escola? Estas e outras questões ficam, de momento, sem resposta, mas acreditamos ter ajudado à divulgação de instrumentos de trabalho e ainda de novas formulações de perguntas para futuros trabalhos.

Referências bibliográficas

- AFONSO, Almerindo Janela (1991b). Notas para o Estudo Sociológico da (In) Disciplina Escolar na Formação de Professores. Revista Portuguesa de Educação, 4., 119-128.
- AMIGUINHO, A. (1992). Viver a Formação, Construir a Mudança. Lisboa: Educa/ICE
- AIRES, L. (2009). Disciplina na sala de aulas. Um guia de boas práticas para professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Lisboa: Edições Sílabo
- AMADO, João (1989). A indisciplina numa escola secundária. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- AMADO, J., & FREIRE, I. (2009). A(s) Indisciplina(s) na Escola. Compreender para prevenir. Coimbra: Edições Almedina
- AMADO, J. (2001). Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula. Porto: Edições ASA.
- ANTÃO, Jorge (1993). Comunicação na sala de aula. Porto: Edições Asa.
- BENTO, A. (2008). “Desafios à Liderança em contextos de mudança
- BENTO, A. (2008). “Liderança Contingencial: os estilos de Liderança de um grupo de professores do Ensino Básico e Secundário”. In Mendonça, A. & Bento, A. (org.). (2008). Educação em Tempo de Mudança (pp 129-137). Madeira: Centro de Investigação em Educação, Universidade da Madeira
- CONNEL, Robert (1997). Pobreza e educação. In Pablo Gentili (Org.), Pedagogia da exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação: Petrópolis: Vozes, pp. 11-4
- ESTEVE, José Manuel (1992). O Mal-estar Docente. Lisboa: Escher.
- ESTRELA, Maria Teresa. Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula. Portugal: Porto Editora, 1994.
- ESTRELA, A. & Ferreira, J. (2002). Violence et indiscipline à l'école. Lisboa:
- ESTRELA, Maria Teresa (2002). Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula. Porto: Porto Editora
- ESTRELA, M.T., 2002, “Editorial”, In Maria Teresa Estrela (ed.), Investigar em Educação
- FACULDADE de Psicologia e Ciências da Educação. AFIRSE.

- FERREIRA S. M. / dos Santos R. M. 1994, 4ª edição “Aprender a Ensinar; Ensinar a Aprender”.
- FERREIRA, H.(2009). Liderança escolar e avaliação das escolas. Seminário realizado em 23/01/09. Madeira: Universidade da Madeira
- FREIRE, *Medo e ousadia.* , 1987; 5ª Edição.1996,p.96
- In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO, 4., 2005, Jataí. Anais. 2005. p.1-9
- HANNOUN (). Aprender a ensinar, ensinar a aprender. Ed. Afrontamento
- HUBERMAN, M. & MILES, M. (1991). *Analysedesdonnéesqualitatives. Recueil de nouvelles méthodes.* Bruxelles: De BoeckUniversité
- JESIS, Saul Neves (2003). Influência do Professor sobre os Alunos. Porto: Asa
- JESUS, Saul Neves (2002). Perspectivas para o Bem-Estar Docente. Porto: Asa
- LOURENÇO A. A. / de Paiva A. M. 2004 “Disrupção Escolar”
- MARQUES, Ramiro (1996). A Indisciplina vista por Pais. Revista Noésis 37, 40-56
- (MEC-SEESP, 1998).
- OLIVEIRA, José; Oliveira, António (1999). Psicologia da Educação Escolar II professor –ensino. Coimbra: Livraria Almedina.
- OLIVEIRA, M. C. P; REIS, M. S. A. (In) disciplina: uma problemática no quotidiano escolar.
- PATRÍCIO, M. (1989), Traços Principais do Perfil do Professor do Ano 2000, Revista Inovação, vol. 2, nº3, pp. 229-245
- PEREIRA, M. 1995, “Transformação Educativa e Formação Contínua de Professores”.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (1995). Manual de investigação em ciências sociais. Trajectos. Lisboa: Gradiva
- REVISTA da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Julho 2002, vol.1, nº1. Lisboa, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
- REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE PEDAGOGIA – ISSN: 1678-300x 8000–Ano V – Número 09 – Janeiro de 2007 – Periódicos Semestral

- SAMPAIO, Daniel (1996b). Indisciplina no contexto escolar. Revista Noésis, p. 37
- SANCHES, Isabel& António Teodoro - Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos, (2001. p. 74)
- TEODORO, António (1990). Os professores – situação profissional e carreira docente. Lisboa: Texto Editora.
- VEIGA, Feliciano Henriques (2007). Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais. Coimbra: Almedina.

Webgrafia

- <http://beta.escoladaponte.com.pt/> - José Pacheco
- [a intemporalidade dos conflitos da educação - correntes](#) – Hannoun (s/d p.62)
- [Desenvolvimento Profissional e Motivação dos Professores](#) – Jesus (2003, p.25)
- www.editorafaef.com.br – www.faef.br.
- www.revista.inf.br

INQUÉRITO

Caro(a) colega:

No âmbito da Pós-Graduação em Educação Especial – domínio Cognitivo e Motor estamos a realizar um trabalho cujo título é - *Perceção e ação face à indisciplina escolar - condicionamento do percurso académico do professor do ensino secundário*.

Neste sentido, pedimos a sua colaboração para o preenchimento do presente questionário. Tenha em consideração que não existem respostas certas ou erradas, devendo ser sincero(a) e espontâneo(a) em todas elas.

O anonimato será garantido.

Muito obrigada pela sua colaboração.

I- DADOS PESSOAIS

1. Sexo:

a) Feminino

b) Masculino

2. Idade

a) Até 25 anos

b) Entre 26 e 35

c) Entre 36 e 45

d) Entre 46 e 55

e) Mais de 55 anos

II- DADOS ACADÉMICOS

3. Formação Académica:

a) Bacharelato

b) Licenciatura

c) DESE/CESE

d) Pós-graduação

e) Mestrado

f) Doutoramento

III- DADOS PROFISSIONAIS

4. Situação Profissional:	
a) Quadro de Escola	
b) Quadro de Zona Pedagógica	
c) Contratado(a)	

5. Tempo de Serviço:	
a) 1 a 5 anos	
b) 6 a 10	
c) 11 a 15	
d) 16 a 20	
e) 21 a 25	
f) 26 a 30	
g) Mais de 30 anos	

6. A escolha da carreira de ensino foi devido a:	
a) Vocação	
b) Prestígio da profissão	
c) Remuneração	
d) Desvio de curso devido a número clausus	
e) Falta de saída profissional no curso ideal	

7. A que grupo disciplinar pertence? Que disciplinas leciona:	
Grupo:	
Disciplinas:	

8. Com que frequência se depara com casos de indisciplina na sala de aula?	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	
d) Poucas vezes	
e) Nunca	

9. No caso de indisciplina, consegue abstrair-se e continuar a exercer a sua atividade?	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	
d) Poucas vezes	
e) Nunca	

10. Na sua opinião, uma relação pedagógica adequada entre professor e aluno é essencial para garantir o sucesso no processo ensino/aprendizagem?	
a) Sim	
b) Não	
c) Não sei	

11. No início do ano letivo, estabelece e negocia com os seus alunos regras de conduta?	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	
d) Poucas vezes	
e) Nunca	

12. Pensa que, por vezes, o professor pode ser responsável pela indisciplina na sala de aula?	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	

d) Raramente	
e) Nunca	

13. Costuma construir expectativas acerca dos seus alunos? (Ex: Bom ou mau aluno; disciplinado ou indisciplinado...)	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	
d) Raramente	
e) Nunca	

IV – POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA

14.1. Fatores externos à escola	Sempre	Muitas Vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
a) Retaguarda familiar precária					
b) Desvalorização do saber escolar					
c) Motivos psicológicos (Ex: perturbações emocionais...)					
d) Outro (s):					

14.2. Fatores internos à escola e ligados à organização escolar	Sempre	Muitas Vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
a) Obrigatoriedade da escolaridade					
b) Deficiente funcionamento e organização escolar					
c) Clima de escola pouco motivador					
d) Excesso de alunos por turma					
e) Falta de equipamentos					
f) Falta de motivação provocada por retenções sucessivas					
g) Outro (s):					

14.3. Fatores internos à escola e ligados ao professor:	Sempre	Muitas Vezez	Algumas vezes	Raramente	Nunca
a) Má relação professor/ aluno					
b) Falta de conhecimentos científicos por parte de quem leciona					
c) Falta de formação continua					
d) Estratégias e metodologias de ensino desajustadas					
e) Expectativas negativas dos professores em relação aos alunos					
f) Falta de vocação					
g) Falta de experiência pedagógica					
h) Excesso de poder dos alunos					
i) Abuso de métodos expositivos					
j) Outro (s):					

V - CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA

15. O que faz ou pode fazer para evitar ou diminuir os comportamentos indisciplinados:	Sempre	Muitas Vezez	Algumas vezes	Raramente	Nunca
a) Procura perceber as razões desses comportamentos e respetivos antecedentes?					
b) Dialoga com o (s) aluno (s)?					
c) Recorre aos encarregados de educação?					
d) Diversifica as estratégias de ensino e adota outros conteúdos programáticos?					
e) Participa ao Coordenador de Escola?					
f) Utiliza um sistema de créditos e/ou recompensas?					
g) Outro (s):					

15.1. Na sua opinião, a indisciplina dos alunos impele-o a:	Sempre	Muitas Vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
a) Repensar as metodologias e estratégias adotadas?					
b) Refletir o relacionamento professor/aluno					
c) Ignorar a situação?					
d) Investir na sua formação?					
e) Abandonar a profissão?					
f) Outro (s):					

16. Com vista à construção de um ambiente de disciplina na sala de aula, qual das abordagens utiliza com mais frequência?	
a) Preventiva	
b) Corretiva	
c) Punitiva	

17. Qual a importância que atribui à formação de professores para lidar com a indisciplina na sala de aula?	
a) Muito importante	
b) Importante	
c) Mais ou menos importante	
d) Pouco importante	
e) Nada importante	
f) Não sei	

18. Sente-se emocionalmente esgotado(a) com a docência?	
a) Sempre	
b) Muitas vezes	
c) Algumas vezes	
d) Raramente	
e) Nunca	

19. Se pudesse, gostaria de exercer outra atividade que não a de professor?	
a) Sim	
b) Não	
c) Não sei	

20. Já alguma vez fez formação em gestão de conflitos?	
a) Sim	
b) Não	

20.1. Se sim, atingiu os seus objetivos?	
a) Sim	
b) Não	

20.2 Se não fez, gostaria de fazer?	
a) Sim	
b) Não	